ESPECIAL

PLACAR

A SAGA DA Jules Rimet

A HISTÓRIA DAS COPAS DE 1930 A 1970

POR MAX GEHRINGER

Abril

fascículo 2 1934 ITÁLIA

A Itália no comando

Você tem em mãos o segundo fascículo da saga da Jules Rimet, o mais cobiçado troféu da história do futebol mundial (conquistado definitivamente pelo selecionado brasileiro na Copa de 1970, no México). Para contar a história da segunda Copa do Mundo, realizada em 1934 na Itália, Max Gehringer fez um extenso e detalhado trabalho de pesquisa, que foi dividido em sete grandes blocos de texto. Nestas 48 páginas, é possível descobrir como a política entrou em campo e transformou o esporte em instrumento de manipulação dos eleitores (pelas mãos do ditador Benito Mussolini, que queria mostrar ao mundo as qualidades do regime fascista), entender por que os cartolas do Brasil continuavam mergulhados numa disputa interna de poder (ela envolvia a questão do profissionalismo, mas o principal efeito era prejudicar o desempenho da nossa Seleção) e conhecer as loucas fórmulas de disputa encontradas pelas federações nacionais para definir os critérios de desempate (nas primeiras eliminatórias para o Mundial). Além disso, esta edição traz os preparativos e a longa viagem até a Europa, a nova ressaca dos craques brasileiros após a segunda eliminação na primeira fase e os destaques do país na Copa, apesar da derrota logo na estréia. Sem contar, é claro, as seções fixas desta coleção: o tabelão com todas as partidas disputadas (com comentários e curiosidades), mais a lista completa da delegação verde-e-amarela e o perfil dos 11 campeões, no caso os italianos, novos comandantes do planeta bola. Como sempre, tudo ricamente ilustrado com fotos e imagens da época, como o ingresso para o jogo França x Áustria, reproduzido acima – mais um motivo para você, apaixonado por futebol, colecionar este verdadeiro documento histórico. Boa leitura e até o mês que vem, com tudo sobre a Copa de 1938, na França.

Max Gehringer foi executivo de grandes empresas, é colunista de várias revistas e um dos principais conferencistas do país. Mas sua verdadeira paixão é a bola. Dono de uma respeitável biblioteca e videoteca de futebol, ele passou os últimos anos colecionando fatos sobre as Copas. Sua missão é contar de forma bem humorada a história dos Mundiais sem reproduzir erros que se repetem de geração em geração.

Acompanhe os fascículos da saga da Jules Rimet

Fascículo 1 Uruguai 1930
Fascículo 2 Itália 1934
Fascículo 3 França 1938
Fascículo 4 Brasil 1950
Fascículo 5 Suíça 1954
Fascículo 6 Suécia 1958
Fascículo 7 Chile 1962
Fascículo 8 Inglaterra 1966
Fascículo 9 México 1970

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Presidente Executivo: Maurizio Mauro
Diretor Secretário Editorial e de Relações Institucionais: Sidnei Basile
Vice-Presidente Comercial: Deborah Wright
Diretora de Publicidade Corporativa: Thais Chede Soares B. Barreto
Diretor-Geral: Jairo Mendes Leal
Diretor Superintendente: Paulo Nogueira

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho

Editor Especial: Arnaldo Ribeiro **Editor de Arte:** Crystian Cruz
Editores: Gian Oddi, Maurício Ribeiro de Barros
Coordenação: Silvana Ribeiro **Atendimento ao leitor:** Virgílio Sousa
Colaboraram nesta edição
Texto: Max Gehringer
Edição: Gabriel Pillar Grossi
Edição de Arte: Marcel Votre e Marcio Penna
Edição de Fotografia: Ricardo Corrêa

www.placar.com.br

A política entra em campo

O ditador Benito Mussolini viu na Copa uma oportunidade única de mostrar ao resto do mundo as qualidades do regime fascista e não poupou esforços para organizar o torneio

Se a década de 20 foi o "ciclo uruguaio do futebol" (duas medalhas de ouro olímpicas e uma Copa do Mundo), a década de 30 foi o "ciclo italiano", com a conquista de dois Mundiais, em 1934 e 1938, e da medalha de ouro na Olimpíada de Berlim, em 1936. No Congresso da Fifa de 13 de maio de 1932, em Estocolmo (Suécia), a Itália se apresentou, sem oposição, para ser o país-sede da Copa de 1934. A Suécia, que também havia manifestado o desejo de organizar a Copa, abriu mão de sua candidatura. E o Congresso da Fifa de Zurique (Suíça), em 8 de outubro de 1932, formalizou a decisão. Mas a verdade é que, desde 1929, quando foi preterida na escolha da sede da Copa de 1930, a Itália já era considerada, extra-oficialmente, a única opção possível para o segundo Mundial. Tanto que os investimentos do país em infra-estrutura e estádios começaram muito antes de a Fifa anunciar a decisão.

Por trás do empenho da Federação Italiana em organizar a Copa havia uma força política que não podia ser subestimada: a do ditador Benito Mussolini, Il Duce, e seu Partido Nacional Fascista. Ex-jornalista panfletário, ele se transformou na principal figura da política italiana em outubro de 1922, quando tinha 39 anos. Logo após uma pacífica, mas intimidadora, Marcha sobre Roma de milhares de simpatizantes fascistas vestidos com camisas negras, o rei Vittorio Emanuele III achou prudente acalmar as massas, nomeando Mussolini primeiro-ministro. Daí em diante, graças a uma série de plebiscitos e decretos, ele foi acumulando poder até se tornar a suprema autoridade nacional – embora o rei, ao menos em teoria, continuasse reinando. A filosofia nacionalista e o carisma de Mussolini fizeram com que ele não apenas conseguisse o apoio do povo italiano como também se projetasse como um líder de prestígio mundial. Populista ao extremo, não perdia chance alguma de consolidar sua popularidade. E o futebol era uma dessas oportunidades imperdíveis.

Em 1929, havia sido realizado o primeiro campeonato verdadeiramente italiano. Até então, existiam dois torneios regionais, cujos vencedores se encontravam num jogo decisivo. Depois disso, a rivalidade entre todas as grandes cidades, competindo diretamente pelo título, faria com que uma súbita paixão pelo futebol tomasse conta do país, substituindo o ciclismo como esporte nacional. Mussolini soube capitalizar com maestria a nascente febre do *calcio*.

Uma vitória no Mundial despertaria um grande fervor patriótico e, por extensão, aumentaria ainda mais a confiança da população no governo. Por isso, o ditador não apenas apoiou a idéia de a Itália promover a Copa de 1934. Ele literalmente se apossou dela. Para começar, exonerou o presidente da **Federação Italiana**, Leandro Arpinati, e colocou em seu lugar um militar, o general Giogio Vaccaro, de 42 anos.

A imprensa, sob constante vigilância da censura fascista, foi "aconselhada" a só divulgar notícias favoráveis sobre a Seleção – críticas não seriam toleradas e poderiam resultar em "acidentes", como a depredação da redação. Em troca dessa proteção, Mussolini exigia de jogadores e dirigentes uma coisa: a vitória na Copa. Na visão do Duce, o título seria o triunfo de um regime – o fascismo – e de um homem – ele mesmo. Tanto é assim que

Benito Mussolini, Il Duce: segundo o ditador italiano, uma vitória do país na Copa de 1934 seria o triunfo de um regime (o fascismo) e de um homem (ele mesmo)

A *Federazione Italiana Football* foi fundada em 1896, em Turim. Em 1909 o nome mudou para *Federazione Italiana Gioco Calcio* (a Itália, que joga o *calcio*, e os Estados Unidos, o *soccer*, são os únicos países que não usam o inglês *football*). A Seleção Italiana entrou em campo pela primeira vez em 19 de maio de 1910, em Milão, e venceu a França por 6 x 2. Apenas 4 000 torcedores assistiram à histórica partida. Em 26 de maio de 1910, a Itália fez sua primeira aparição fora de casa, enfrentando a Hungria em Budapeste – derrota por 6 x 1. Não parecia um começo promissor, mas 24 anos depois a Itália foi o primeiro país europeu a ganhar a Copa. Boa parte desse sucesso se deveu às liras: ao abrir seus generosos cofres, a Itália foi pioneira na importação de jogadores de outros países, da Europa e da América do Sul. Nos anos 30 os jogadores que disputavam o Campeonato Italiano já eram os mais bem pagos do mundo – e assim foi por muitas décadas.

o general Vaccaro chegou a afirmar: "Nossa meta definitiva será a de mostrar ao Universo o ideal fascista do esporte".

Investimentos e fundos

No terreno prático, Mussolini ordenou a construção de dois novos estádios, em Florença e Turim. Para não deixar dúvidas sobre quem era o benfeitor, o de Turim ganhou o nome de *Stadio Mussolini*. Outros foram reformados em Nápoles, Bolonha, Gênova e Roma (este último foi rebatizado de *Stadio Nazionale PNF*, a sigla do *Partito Nazionale Fascista*). Até mesmo o relativamente novo *Stadio San Siro*, em Milão (inaugurado em 1926 e o primeiro dedicado só ao futebol na Itália), mereceu reformas.

Para arrecadar fundos, o Partido Fascista promoveu uma loteria nacional e aumentou os impostos sobre vários produtos – principalmente os cigarros, que passaram a trazer impresso nas embalagens o emblema da Copa do Mundo. O comprador sabia que pagava um preço maior, mas por uma boa causa. Tudo caminhava bem e o entusiasmo italiano em relação ao Mundial de 1934 contaminava a Europa, apesar da crise econômica iniciada com a quebra da Bolsa de Nova York, em 1929. A Copa seria o primeiro grande torneio intercontinental em quatro anos, já que o futebol havia ficado de fora da Olimpíada de 1932, em Los Angeles (Estados Unidos), por não ser mais considerado um esporte amador pelo Comitê Olímpico Internacional.

O único senão é que duas grandes ausências já eram sentidas bem antes de a bola começar a rolar nos gramados italianos. A primeira foi a do Uruguai, então campeão mundial. Ainda em 1933, a Associação de Futebol Uruguaia recusou formalmente o convite feito pela Fifa, em represália à ausência dos principais países europeus na Copa disputada três anos antes em Montevidéu. Até hoje, foi a única vez que o campeão do torneio anterior não defendeu o título.

A segunda ausência foi a da Inglaterra, que insistia em seu esplêndido isolamento doméstico. Para os ingleses, uma Copa do Mundo servia apenas para apontar o campeão de um torneio, não para eleger a melhor Seleção do mundo. Esse título, segundo eles, pertencia por direito à Inglaterra, mesmo não participando da competição e mesmo que os resultados dentro de campo insinuassem o contrário (em maio de 1934, por exemplo, o *English Team* foi derrotado em amistosos pela Hungria e pela Tchecoslováquia). Acompanhando a decisão inglesa, os demais membros da comunidade britânica – Escócia, Irlanda e País de Gales – também recusaram o convite da Fifa.

A ITÁLIA EM 1934

Um sonho: voltar a ser potência

Durante quase 1 500 anos o Império Romano teve enorme influência sobre a civilização ocidental, definindo os limites físicos da vasta porção de terra a que hoje chamamos de Europa. Sua língua oficial, o latim, deu origem ao francês, ao espanhol e ao português. Mas ele não tinha muito a ver com a Itália atual. Como o próprio nome diz, seu poder emanava de uma única cidade: Roma. Depois que o império se esfacelou, em 1453, a região que atualmente corresponde à Itália se fragmentou. Durante 400 anos, cidades autônomas funcionaram como países independentes, sem um poder central. Mesmo assim, continuaram surgindo figuras históricas, como o eclético Leonardo da Vinci, o pintor e escultor Michelangelo e o navegador Cristóvão Colombo (e, não menos importante, a receita da pizza).

Foi só bem recentemente, na metade do século 19, que a Itália finalmente se consolidou no desenho que tem até hoje: a bota chutando a bola, com 301 000 quilômetros quadrados (a metade da área de Minas Gerais). O passo derradeiro foi dado em 1870, quando o rei Vittorio Emanuele II, que reinava desde Turim, reconquistou Roma – cidade que, na época, pertencia à Igreja Católica. Mesmo assim, nos 50 anos seguintes a Itália viveu um conturbado período político, econômico e social. Não por acaso, surgiram poderes paralelos, como a Máfia siciliana e a Camorra napolitana. A situação de instabilidade levou milhões de italianos a deixar o país para "fazer a América". Entre 1880 e 1900 (apenas 20 anos) o Brasil acolheu 1,2 milhão de italianos, que se instalaram principalmente em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Um deles se tornou o homem mais rico do Brasil no início do século 20, o conde Francesco Matarazzo.

Só na década de 20 é que a Itália voltou a acalentar sonhos de se tornar uma potência mundial. E foi essa nova Itália que se candidatou a sediar as Copas de 1930 e 1934. Curiosamente, em 1934 Roma tinha 1,1 milhão de habitantes, a mesma população registrada 2 000 anos antes, quando foi a primeira cidade do mundo a atingir a marca do milhão de moradores.

Rivalidade burra

Os jornais do Rio e de São Paulo até se uniram, mas a disputa entre os "amadores" da CBD e os profissionais da FBF azedou as chances da nossa Seleção em 1934

Depois da decepção na Copa de 1930, o Brasil só fez dois jogos oficiais, ambos contra o Uruguai, pela Copa Rio Branco. O primeiro, em 6 de setembro de 1931 (vitória brasileira por 2 x 0, no Rio de Janeiro) e o segundo, em 4 de dezembro de 1932 (nova vitória, por 2 x 1, no estádio Centenário em Montevidéu). Em ambos, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) utilizou apenas jogadores cariocas e fluminenses, já que os paulistas estavam saindo de uma guerra contra o governo de Getúlio Vargas: a Revolução Constitucionalista havia começado em julho de 1932, provocando a paralisação do Campeonato Paulista. Até Friedenreich, o atleta de maior prestígio dos primeiros 30 anos do nosso futebol, tinha se alistado e trocado a bola pelo fuzil – gesto que lhe valeu uma nomeação como sargento e uma posterior promoção a tenente.

Para a viagem até Montevidéu, em 1932, a CBD convocou jogadores de Botafogo, Fluminense, Vasco e São Cristóvão, mais alguns talentos de equipes de menor expressão – o Bonsucesso e os hoje extintos Carioca e Brasil. O Uruguai também vivia uma fase de renovação – só quatro de seus titulares haviam atuado na Copa, mas ainda carregava o imponente título de campeão do mundo. Para felicidade geral, o Brasil não apenas venceu como também revelou um jovem e promissor atacante do Bonsucesso: Leônidas da Silva, de 22 anos, que fez os 2 gols logo em sua estréia. E, para completar a alegria, na semana seguinte o Brasil jogou mais duas vezes na capital uruguaia, contra o Peñarol e o Nacional, e venceu os dois. As vitórias geraram uma onda geral de otimismo: com aquele timaço, o Brasil certamente teria condições de conquistar o Mundial de 1934.

Friedenreich: o craque fez o primeiro gol da era profissional

Uma nova era

Mas tudo começou a ir para o vinagre em 12 de março de 1933, quando o Santos recebeu o São Paulo da Floresta para o jogo que marcaria o início do profissionalismo no Brasil – o São Paulo ganhou por 5 x 1, com Friedenreich marcando o histórico primeiro gol da nova era. O profissionalismo chegou quase por tabela ao país. No fim da década de 20, a Itália começou a caçar talentos na Argentina, sob o pretexto de que eles eram ***oriundi*** – filhos ou netos de imigrantes italianos e, portanto, repatriáveis. Para conter a debandada, a Argentina implantou o profissionalismo em 1931 – e começou a atrair jogadores uruguaios. O Uruguai, então, profissionalizou seu futebol em 1932 – e começou a atrair os brasileiros, entre

O meia Raimondo Orsi, que havia sido a grande sensação argentina nos Jogos Olímpicos de 1928, em Amsterdã, nem voltou para casa após o torneio de futebol: em troca de um carro Fiat e de 100 000 liras, pegou um trem direto da Holanda para a Itália e se tornou o primeiro *oriundo* a sair da América do Sul para a Europa. E, depois da Copa de 1930, vários outros argentinos seguiram o mesmo destino.

A crise da lavoura

Nossa população era de 39,9 milhões de habitantes e a maior cidade, a então capital federal, o Rio de Janeiro. Com 1,6 milhão de habitantes, o Rio era tão grande que apenas seis estados tinham população maior: Minas Gerais (7,3 milhões), São Paulo (6,3 milhões), Bahia (4,1 milhões), Pernambuco (2,9 milhões), Rio Grande do Sul (2,9 milhões) e o próprio Rio, é claro (2 milhões). E os números indicavam que essa concentração estava aumentando: de 1930 até 1934, a população do Brasil tinha crescido 6% e a da cidade, 8%.

Em 1934, o Brasil ainda dependia da lavoura. E, apesar da crise da economia mundial, o café continuava a ser o principal produto de exportação (61% das vendas externas). Só que os números mostravam claros sinais de estagnação. Em 1934, a produção foi praticamente igual à de 1929 (1,6 milhão de toneladas), mas o preço da saca tinha caído para um terço do que era cinco anos antes. Para reduzir a oferta e impedir que o preço baixasse ainda mais, o governo passou a comprar e a queimar milhões de sacas de café.

Internamente, a situação era curiosa – ou trágica. Havia 34 000 fábricas funcionando legalmente no Brasil em 1934. Destas, nada menos que 13 500 (41%) produziam bebidas. Com a crise e o desemprego alto, a saída parecia ser, literalmente, afogar as mágoas.

Qual foi a contribuição do negro para a formação da sociedade e da cultura do Brasil? Até 1933, a resposta seria "absolutamente nenhuma". Mas um livro mudou isso: *Casa Grande & Senzala*, escrito pelo sociólogo pernambucano Gilberto Freyre (1900-1987). A obra mostrou, pela primeira vez, o choque entre o Brasil "de faz-de-conta", das elites intelectuais brancas, e o Brasil "de verdade", fortemente influenciado pelos escravos e seus descendentes.

Obra-prima: finalmente, as elites descobrem o "Brasil real"

Em 1934, conduzido por Plínio Salgado, consolidou-se o Movimento Integralista, uma tentativa de reproduzir as circunstâncias que haviam dado origem ao nazismo alemão e ao fascismo italiano. Os militantes – mais de 400 000, segundo os integralistas, ou menos de 200 000, de acordo com o governo – copiavam símbolos, uniformes e gestos de saudação. Outra facção, liderada por Luiz Carlos Prestes, sonhava com a implantação do modelo comunista da Rússia.

Com tanta encrenca, era preciso alegrar o povo e Getúlio Vargas decidiu investir no Carnaval. Em 1933, o jornal carioca *A Noite* inventou o Rei Momo. E, em 1934, foi organizado o primeiro grande cortejo carnavalesco, no Rio, dando início ao desfile das escolas de samba, que haviam sido criadas na década de 20. No entanto, a única grande paixão nacional – com adeptos em todas as cidades – era o futebol. Um esporte barato, com regras fáceis de entender e à disposição de qualquer grupinho que pudesse comprar uma bola e encontrar um terreno vago para distribuir seus artísticos pontapés.

Em obras: o Rio era a capital e a maior cidade do país, com 1,6 milhão de habitantes

ENQUANTO ISSO, NO BRASIL...

1934

25 de janeiro
É criada a Universidade de São Paulo, reunindo várias faculdades então existentes, entre elas a célebre Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Para muita gente, a USP parece uma miragem, por proporcionar ensino superior gratuito num país com mais de 60% de analfabetos.

17 de julho
O gaúcho Getúlio Vargas (que havia assumido "provisoriamente" o poder em 1930, por meio de um golpe) é eleito presidente da República pela Assembléia Constituinte (que havia sido eleita pelo povo, por voto direto e secreto, no ano anterior). Assim, o governo Vargas se torna legítimo, embora não restem muitas dúvidas de que o presidente tenha sérias intenções de se perpetuar no poder, custe o que custar.

6 de agosto
Logo após a Copa, nasce em Milão (Itália) o ator Gianfrancesco Guarnieri, que criaria no Brasil um teatro social e responsável. Sua peça mais famosa foi *Eles não Usam Black Tie*, de 1958.

3 de outubro
O piloto Irineu Corrêa vence o II Grande Prêmio Internacional de Automobilismo da Cidade do Rio de Janeiro. Pilotando um Ford V-8 no Circuito da Gávea (também conhecido como Trampolim do Diabo), ele percorre os 279 quilômetros da prova a uma extravagante média de 71 quilômetros por hora! No ano seguinte, logo na primeira volta dessa mesma prova, Irineu morreria num acidente.

28 de novembro
Morre no Rio o escritor e poeta maranhense Coelho Neto, membro da Academia Brasileira de Letras e pai do jogador Preguinho, autor do primeiro gol do Brasil em Copas do Mundo.

31 de dezembro
As três músicas mais executadas nas rádios brasileiras em 1934 foram "Agora é Cinza", com Mário Reis; "Na Batucada da Vida", com Carmen Miranda; e "Cidade Maravilhosa", com Aurora Miranda (irmã de Carmen) e André Filho. Mais tarde, a marcha se tornaria o hino extra-oficial do Rio de Janeiro.

eles, Leônidas e Domingos da Guia. Só restava mesmo seguir o exemplo dos vizinhos, o que o Brasil fez em 1933.

Numa histórica reunião realizada nas Laranjeiras, em 23 de janeiro de 1933, foi criada a Liga Carioca de Futebol. Bandearam-se para a LCF os principais clubes do Rio, com exceção de Botafogo, Flamengo e São Cristóvão. Mas os dois últimos mudaram de idéia menos de seis meses depois. Assim, no fim de 1933, o único time de expressão que persistia no amadorismo era o Botafogo. Enquanto isso, em São Paulo, a Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea) tomou uma decisão inesperada: sem muita discussão, dividiu-se em duas, criando a divisão amadora e a divisão profissional. Mas a CBD não gostou da idéia e constituiu uma entidade amadora própria, a Federação Paulista de Futebol (FPF). Sem o aval da CBD, em 26 de agosto de 1933, a Apea e a LCF se encontraram no salão de festas do Palestra Itália para formar a Federação Brasileira de Futebol (FBF). E já no segundo semestre de 1933 a FBF promoveu o primeiro campeonato interestadual de profissionais no Brasil: o Torneio Rio-São Paulo, vencido pelo Palestra.

A impressão geral era de que o profissionalismo não mudaria muita coisa, já que os "amadores" eram, há muito tempo, pagos por baixo do pano para entrar em campo. Mas a mudança foi mais drástica do que muitos imaginaram. A partir de 1933, o futebol brasileiro passou a ter duas entidades concorrentes: a CBD, filiada à Fifa, que congregava as equipes amadoras, e a FBF, na qual estavam os times profissionais – e os melhores atletas. Isso significava que, ao formar uma Seleção nacional, a CBD não poderia contar com nossos principais talentos da bola.

Desta vez, ao contrário do que aconteceu em 1930, os jornais do Rio e de São Paulo uniram forças numa campanha para tentar pacificar as azedas relações entre CBD e FBF. A proposta era de uma trégua de seis meses, que começaria em fevereiro de 1934 e terminaria após a Copa. Assim, a FBF cederia temporariamente seus jogadores à CBD, o Brasil poderia disputar a Copa com força máxima e, na volta, as duas instituições voltariam a se digladiar. Mas o presidente da CBD, Luiz Aranha, foi intransigente e nem quis conversar. Para o cartola, a FBF era uma organização-fantasma, cuja existência ele se recusava sequer a admitir.

Carlito vai à luta

Como o único clube grande que permaneceu na CBD foi o Botafogo, seu dirigente Carlito Rocha ficou com a tarefa de montar uma Seleção para disputar o Mundial da Itália. O plano era simples e ousado: contratar jogadores dos clubes profissionais só para disputar a Copa. O que não deixava de ser um paradoxo: afinal, a CBD tinha mantido sua condição de associação amadora porque entendia que atletas não deveriam ganhar dinheiro para jogar bola. E, de repente, passava a oferecer aos profissionais até mais dinheiro do que eles ganhavam nos clubes. Viva a contradição!

A FBF reagiu de imediato, ameaçando eliminar para sem-

A CBD condenava o profissionalismo, mas para convencer os melhores jogadores a ir à Copa, decidiu pagar luvas e salário a todos os convocados

pre de seus quadros aqueles que aceitassem a proposta da CBD. Mas Carlito tinha um bom argumento: eles eram os jogadores mais famosos do país e as torcidas certamente pressionariam os clubes a aceitá-los de volta após a Copa. Logo, os profissionais não tinham o que temer: ganhariam um bom dinheiro por alguns meses de trabalho para a CBD e depois seriam reintegrados aos times de origem.

A CBD deu poderes para que seu representante em São Paulo, José Carlos de Silva Freire, presidente da recém-criada FPF, colocasse em prática o plano de Carlito e saísse à caça de jogadores. E Silva Freire não fez segredo de suas intenções: por meio da imprensa, anunciou publicamente quanto pagaria a cada um que aceitasse a proposta (6 contos de réis de luvas, mais 1,5 conto por mês). E, espertamente, divulgou os nomes dos atletas que mais interessavam, "para que suas famílias pudessem discutir a questão".

De olho no patrimônio

Um dos alvos prioritários de Silva Freire era o Palestra Itália. Campeão paulista e do Torneio Rio-São Paulo, o Palestra tinha ficado mais de um ano invicto – 27 jogos sem derrota entre maio de 1932 e junho de 1933. E o presidente do clube, Dante Delmanto, pressentiu que seus jogadores não resistiriam ao canto da sereia. Para piorar, o próprio cônsul italiano em São Paulo, o comendador Vecchiotti, resolveu interferir para conseguir a liberação dos craques. Afinal, a Copa seria na Itália e o Palestra era o time da colônia. Foi aí que Delmanto percebeu que, caso não abrisse o olho, acabaria perdendo seu melhor jogador, o atacante Romeu Pelliciari. Filho de italianos que se estabeleceram em Jundiaí, Romeu era um legítimo *oriundo*. Se fosse para o Mundial, certamente seria contratado por algum clube italiano e o Palestra não veria um tostão furado, já que, tecnicamente, o clube fazia parte de uma liga pirata, não reconhecida pela Fifa.

A preocupação de Delmanto aumentou muito quando ele soube que Silva Freire tinha aliciado o elenco do São Paulo da Floresta, que havia sido vice-campeão do Rio-São Paulo, apenas dois pontos atrás do Palestra. No dia 29 de abril, um domingo, logo após um jogo contra a Portuguesa, os quatro

Romeu Pelliciari: o Palestra criou uma "concentração" para ele não ser aliciado pela Seleção "amadora"

O valor recebido pelos que aceitaram o convite da CBD variou conforme o cartaz de cada um

principais craques do São Paulo (Sylvio Hoffman, Armandinho, Luizinho e Waldemar de Britto) saíram do estádio diretamente para o Rio de Janeiro. Waldemar e Armandinho foram de trem, o Expresso Cruzeiro do Sul, e Luizinho e Sylvio seguiram de automóvel. A contratação mais comemorada pela CBD foi a do jovem Waldemar, de 21 anos, artilheiro do Rio-São Paulo com 33 gols em 22 jogos.

Dante Delmanto só conseguiu preservar o patrimônio palestrino porque, assim que tomou conhecimento das incursões "malignas" de Silva Freire, decidiu radicalizar. Na última semana de abril, iniciou um "regime especial de concentração" para seus principais jogadores (Romeu, Gabardo, Tunga, Lara e Junqueira). O problema, para a CBD, era a mobilidade dessa concentração. Num dia os atletas estavam na Chácara da Dobrada, na então quase desabitada região de Santo Amaro, na zona sul da capital. No outro, numa fazenda em Araraquara. Ou numa pousada na deserta Praia Grande, em Santos.

Assim, durante duas semanas de esconde-esconde, os craques do Palestra foram mantidos longe de Silva Freire e das especulações da imprensa. Até porque, comentava-se à época, Ludovico Bacchiani, o chefe de segurança das "concentrações especiais", havia recebido ordens para abrir fogo contra qualquer pessoa vagamente parecida com Silva Freire. O plano funcionou, mas, como castigo, Delmanto ficou um longo tempo sem ser convidado para os jantares no consulado italiano.

Rey: ele ganhou para jogar, mas desistiu e achou que podia ficar com a grana

Dinheiro a rodo

No Rio, a situação foi mais tranqüila. Nenhum clube tomou atitudes drásticas e Carlito Rocha pôde manobrar com desenvoltura. Assim, Leônidas, o grande craque do Brasil, topou se juntar à tropa da CBD e abriu caminho para que outros tomassem a mesma decisão. O único senão ficou por conta do goleiro paranaense Rey, do Vasco. Ele recebeu 20 contos de réis, mas depois resolveu pular fora da Seleção – só que nem lhe passou pela cabeça devolver o dinheiro. A CBD teve de prestar queixa policial para reavê-lo.

A pouco mais de um mês da Copa, em 4 de maio de 1934, a FBF tomou a medida que vinha ameaçando tomar: além dos quatro fujões do São Paulo da Floresta, eliminou de seus quadros também os jogadores Leônidas e Tinoco, ambos do Vasco. Isso porque os seis haviam participado, três dias antes, do primeiro treino da Seleção, no Rio. Mas a decisão foi inócua: no mesmo dia, os atletas treinaram

Top de linha: um elegante Ford Phaeton custava 4 contos de réis e um empregado do comércio ganhava, em média, 3 contos de réis por ano

Domingos da Guia: o Nacional exigiu 45 contos de réis para liberar o zagueiro, que não foi à Copa

novamente em General Severiano, campo do Botafogo de Carlito. Alem dos banidos pela FBF, a CBD conseguiu incorporar ao elenco o zagueiro gaúcho Luiz Luz, o Fantasma da Área, que o Grêmio trouxera de volta do Peñarol.

O valor pago aos jogadores que aceitaram o convite da CBD para participar da Copa de 1934 variou conforme o cartaz de cada um. Comenta-se que Leônidas, a grande estrela do Brasil, teria recebido 30 contos de réis (um elegante automóvel Ford Phaeton modelo 35B custava 4 contos de réis e um empregado do comércio ganhava, em média 3 contos *por ano!!!*) A régia premiação logo se transformou em polêmica: os jogadores estavam indo representar o Brasil porque eram patriotas ou mercenários? Preocupado, o técnico da Seleção, Luiz Vinhaes – que dirigia o Bangu, um time profissional – veio a público afirmar que estava aceitando o convite sem receber nada, movido apenas pelo espírito cívico.

Mas, se o dinheiro garantiu a presença de Leônidas, o outro grande craque brasileiro, o zagueiro Domingos da Guia, ficou de fora. Contratado pelo Nacional de Montevidéu em fevereiro de 1933, ele precisava de autorização do clube para se integrar à Seleção. E os dirigentes uruguaios, ao saber que a CBD estava gastando dinheiro a rodo para arrebanhar jogadores, exigiu 45 contos de réis para liberar Domingos antes do fim do contrato (que venceria em apenas três meses, mas após a Copa). A confederação considerou a exigência "um absurdo" e Domingos foi descartado. Outro brasileiro que atuava pelo Nacional, o ponta-esquerda gaúcho Patesko, menos famoso e mais barato, foi liberado sem nenhum problema.

Com o Itaucard você pode controlar seus gastos de qualquer lugar, com toda a conveniênci
Pelo Itaú Bankline Internet e Caixas Eletrônicos Itaú você acompanha detalhadamente sua
despesas, consulta o limite de crédito disponível, o saldo para pagamento e muito mais. Você ainc
pode pagar a fatura em até **12 vezes fixas**, com taxas reduzidas. Tudo isso para você aproveit
o que a vida tem de melhor. Peça já seu Itaucard* no Itaú Bankline Internet (www.itau.com.b
nos Caixas Eletrônicos Itaú ou fale com seu Gerente Itaú.

ITAUCARD
Itaú
5365 8123 4567
ANTONIO COUTINHO
MasterCard

Itaú
feito
para
você

As primeiras elimi- nató- rias

Com 45 países inscritos e apenas 16 vagas para o Mundial, a Fifa organizou uma inédita pré-qualificação. E até a Itália, dona da casa, teve de entrar em campo para se garantir na Copa

Dos 45 países então filiados à Fifa, 32 se inscreveram para disputar a Copa, o que levou à realização das primeiras eliminatórias – já que os organizadores haviam decidido que apenas 16 seleções participariam do torneio na Itália. Pouco antes das eliminatórias, a Turquia retirou sua inscrição (os turcos ficariam no grupo 3, junto com a Grécia, mas quando a Fifa decidiu que a Itália também entraria na chave, eles perceberam que suas chances seriam nulas).

Em 16 de junho de 1993 a Suécia teve a primazia de sediar a primeira partida de uma fase eliminatória da história das Copas do Mundo. Quase um ano depois, em 24 de maio de 1934, México e Estados Unidos jogaram em Roma para decidir o último país classificado. Foram ao todo 26 partidas e (com exceção do jogo citado acima) os grupos foram arranjados por critérios geográficos, para evitar grandes deslocamentos. E a Fifa também permitiu que as federações envolvidas decidissem a forma da disputa. Por isso, houve de tudo. Confira.

GRUPO 1 – SUÉCIA, ESTÔNIA e LITUÂNIA

SUÉCIA 6 X 2 ESTÔNIA
ESTOCOLMO, 11 DE JUNHO DE 1933
LITUÂNIA 0 X 2 SUÉCIA
KAUNAS, 29 DE JUNHO DE 1933

A Suécia não encontrou dificuldades para passar facilmente pelos fracos oponentes. No primeiro jogo, em menos de 15 minutos já estava 3 x 0. Lituânia e Estônia nem precisaram se enfrentar porque o grupo tinha turno único e apenas uma vaga.

GRUPO 2 – ESPANHA e PORTUGAL

ESPANHA 9 X 0 PORTUGAL
MADRI, 11 DE MARÇO DE 1934
PORTUGAL 1 X 2 ESPANHA
LISBOA, 18 DE MARÇO DE 1934

Embora Espanha e Portugal fossem vizinhos e concorrentes ferozes em diversas atividades desde muitos séculos antes (entre elas o domínio das terras a oeste do oceano Atântico, que levou à descoberta do Brasil em 1500), no futebol os portugueses não eram páreo para os bravos espanhóis. Em Madri, Portugal foi massacrado por 9 x 0, com o atacante espanhol Lángara estabelecendo um recorde de 5 gols. Curiosamente, Portugal fez três substituições por contusão – uma delas, a do goleiro Soares dos Reis, aos 15 minutos do primeiro tempo –, apesar de elas não serem permitidas pela Fifa. Mas, entre ficar com oito jogadores e correr o risco de ver a contagem chegar à estratosfera ou sofrer uma punição da Fifa, os portugueses preferiram a segunda alternativa. Na partida de volta, em Lisboa, a Espanha fez apenas o suficiente para garantir a vaga – venceu por 2 x 1, com mais 2 gols de Lángara, o artilheiro das eliminatórias de 1938.

GRUPO 3 – ITÁLIA e GRÉCIA

ITÁLIA 4 X 0 GRÉCIA
MILÃO, 25 DE MARÇO DE 1934

Mesmo sendo a anfitriã da Copa, a Itália teve de participar das eliminatórias. Um risco desnecessário que a Fifa deixou de correr a partir de 1938, quando o país-sede passou a ser automaticamente classificado para a fase final. Apesar da facilidade com que a Itália venceu, a disputa pela vaga levantou duas polêmicas. A primeira porque a Itália colocou em campo quatro estrangeiros: os argentinos Monti e Guaita e os brasileiros Guarisi e Fantoni. Como os documentos de naturalização não haviam sido enviados à Fifa antes do jogo, tecnicamente a Itália poderia ser desqualificada – ou, no mínimo, a Grécia poderia ser considerada a vencedora. Mas como Mussolini não ia gostar de nenhuma das duas alternativas, a Fifa preferiu fechar os olhos. A segunda polêmica tem a ver com o jogo de volta, que simplesmente não foi realizado. Oficialmente, a Grécia abriu mão da disputa. Extra-oficialmente, no mês seguinte a Federação Italiana adquiriu um prédio novo para a Federação Grega, no centro de Atenas. Os dois brasileiros que jogaram pela Itália foram o paulista Filó e o mineiro Nininho (Guarisi e Fantoni eram seus sobrenomes). Filó teve a honra de marcar o primeiro gol italiano em eliminatórias, aos 40 minutos do primeiro tempo. Nininho morreu em fevereiro de 1935, vítima de uma infecção.

GRUPO 4 – HUNGRIA, ÁUSTRIA e BULGÁRIA

BULGÁRIA 1 X 4 HUNGRIA
SÓFIA, 25 DE MARÇO DE 1934
ÁUSTRIA 6 X 1 BULGÁRIA
VIENA, 25 DE ABRIL DE 1934
HUNGRIA 4 X 1 BULGÁRIA
BUDAPESTE, 29 DE ABRIL DE 1934

O grupo dava direito a duas vagas. Estava previsto um segundo turno, mas, depois de levar três goleadas, a Bulgária desistiu de jogar a última partida em Sófia, contra a Áustria. Assim, Áustria e Hungria nem precisaram se enfrentar.

GRUPO 5 – POLÔNIA E TCHECOSLOVÁQUIA

POLÔNIA 1 X 2 TCHECOSLOVÁQUIA
VARSÓVIA, 15 DE OUTUBRO DE 1933

Poloneses e tchecos estavam envolvidos numa disputa de terras na fronteira. Devido às relações políticas abaladas, o governo da Polônia se recusou a conceder o visto para que seus jogadores pudessem viajar até Praga, onde seria disputado o jogo de volta. Assim, a Tchecoslováquia se classificou para o Mundial da Itália com uma vitória e uma desistência.

A DANÇA DAS CADEIRAS

GRUPO 6 – SUÍÇA, ROMÊNIA e IUGOSLÁVIA

IUGOSLÁVIA 2 X 2 SUÍÇA
BELGRADO, 24 DE SETEMBRO DE 1933
SUÍÇA 2 X 2 ROMÊNIA
BERNA, 29 DE OUTUBRO DE 1933
ROMÊNIA 2 X 1 IUGOSLÁVIA
BUCARESTE, 29 DE ABRIL DE 1934

O grupo dava direito a duas vagas e a Suíça foi a primeira a se classificar – no tapetão. Após empatar com a Romênia, os dirigentes entraram com um protesto alegando que Iuliu Barátki, apesar de ter nascido na Romênia, residia na Hungria e já havia jogado pela Seleção daquele país. A Fifa acatou a queixa e a Suíça foi considerada a vencedora do jogo, por 2 x 0. Romênia e Iugoslávia disputaram a segunda vaga em Bucareste. Os romenos venceram, mas inacreditavelmente a Iugoslávia chutou várias bolas na trave – os relatos variam entre cinco e oito! A Iugoslávia, aliás, era praticamente a mesma que havia desclassificado o Brasil na Copa de 1930. Dos 11 jogadores que enfrentaram a Romênia em abril de 1934, oito tinham ido ao Uruguai, quatro anos antes.

GRUPO 7 – HOLANDA, BÉLGICA e EIRE

EIRE 4 X 4 BÉLGICA
DUBLIN, 25 DE FEVEREIRO DE 1934
HOLANDA 5 X 2 EIRE
AMSTERDÃ, 8 DE ABRIL DE 1934
BÉLGICA 2 X 4 HOLANDA
ANTUÉRPIA, 29 DE ABRIL DE 1934

Holanda e Bélgica foram à Copa ainda que, inicialmente, o grupo desse direito a apenas uma vaga, conquistada pela Holanda após duas vitórias. Mais tarde, com a desistência quase total dos países sul-americanos (que teriam direito a três vagas), a Fifa convidou os belgas. Com base, oficialmente, no saldo de gols (2 negativos, contra 3 negativos do Eire). Extra-oficialmente, a Bélgica foi convidada graças ao prestígio de seu dirigente Rodolphe Seeldrayers, um dos fundadores da Fifa. Como curiosidade, Bélgica 2 x 4 Holanda foi apitado pelo inglês Stanley Rous, que 27 anos mais tarde se tornaria presidente da Fifa.

GRUPO 8 – ALEMANHA, FRANÇA E LUXEMBURGO

LUXEMBURGO 1 X 9 ALEMANHA
LUXEMBURGO, 11 DE MARÇO DE 1934
LUXEMBURGO 1 X 6 FRANÇA
LUXEMBURGO, 15 DE ABRIL DE 1934

Num grupo que dava direito a duas vagas, o jogo mais interessante não ocorreu: depois de desclassificarem o raquítico time de Luxemburgo, França e Alemanha nem precisaram jogar para decidir quem era melhor. Logo após a goleada sobre Luxemburgo, a Federação Alemã fez uma reestruturação quase total na Seleção. Especulou-se na época que as razões seriam políticas: Adolf Hitler havia assumido o poder em 1933 e uma "nova Alemanha" estava se formando. Assim, só 5 dos 11 titulares naquela partida foram à Copa da Itália. Um dos ausentes foi Josef Rasselnberg, de 21 anos, do VfL Benrath, autor de 4 dos 9 gols alemães.

GRUPO 9 – BRASIL e PERU

O primeiro jogo da nossa Seleção estava marcado para Lima, no dia 1º de abril de 1934. Mas, um mês antes, o Peru comunicou à Fifa que estava desistindo de disputar as eliminatórias. E o Brasil se classificou para a Copa sem entrar em campo.

GRUPO 10 – ARGENTINA e CHILE

Assim como o Peru, o Chile também resolveu não jogar. E a Argentina se classificou. Essas desistências de última hora (de Chile, Peru e outros países) tinham uma razão: a inscrição para as eliminatórias custava 200 dólares, que deveriam ser recolhidos aos cofres da Fifa até 31 de dezembro de 1932 (um ano e meio antes da Copa). Como o valor não era tão alto, as federações se inscreviam facilmente, mas depois pulavam fora com a mesma facilidade, já que não havia pena nem multa para os desistentes.

GRUPO 11 – *MÉXICO, ESTADOS UNIDOS, CUBA e HAITI*

CUBA 3 X 1 HAITI
PORT-AU-PRINCE, 28 DE JANEIRO DE 1934
HAITI 1 X 1 CUBA
PORT-AU-PRINCE, 1º DE FEVEREIRO DE 1934
CUBA 6 X 0 HAITI
PORT-AU-PRINCE, 4 DE FEVEREIRO DE 1934
MÉXICO 3 X 2 CUBA
CIDADE DO MÉXICO, 4 DE MARÇO DE 1934
MÉXICO 5 X 0 CUBA
CIDADE DO MÉXICO, 11 DE MARÇO DE 1934
MÉXICO 4 X 1 CUBA
CIDADE DO MÉXICO, 18 DE MARÇO DE 1934
MÉXICO 2 X 4 ESTADOS UNIDOS
ROMA, 24 DE MAIO DE 1934

De todos os grupos, este foi de longe o mais esquisito. Começou com Cuba e Haiti jogando três vezes – todas no Haiti – para decidir quem enfrentaria o México. Deu Cuba, com duas vitórias e um empate. Depois, México e Cuba também jogaram três vezes – todas na Cidade do México – para decidir quem enfrentaria os Estados Unidos. Mesmo tendo vencido os dois primeiros jogos, o México teve de fazer a terceira partida prevista na tabela. E também venceu. Ainda em 1933, os Estados Unidos haviam comunicado à Fifa que não disputariam as eliminatórias. Mas, em fevereiro de 1934, mudaram de idéia. Pelo regulamento, a Fifa não poderia aceitar a inscrição tardia, mas dizer não para os americanos não parecia uma boa idéia. E a Fifa resolveu a questão programando um jogo de pré-qualificação. México e Estados Unidos foram para a Itália e, três dias antes do início da Copa, disputaram um único e decisivo jogo, em Roma. Os Estados Unidos venceram por 4 x 2, com 4 gols de Aldo Donelli, do Curry Silver Tops de Pittsburgh, o único amador num time de profissionais. E o México viajou de um continente a outro só para disputar uma partida eliminatória – e voltar desclassificado para casa.

GRUPO 12 – *EGITO E PALESTINA*

EGITO 7 X 1 PALESTINA
CAIRO, 16 DE MARÇO DE 1934
PALESTINA 1 X 4 EGITO
JERUSALÉM, 6 DE ABRIL DE 1934

Esses foram os dois primeiros jogos internacionais da Palestina, na época uma região onde conviviam árabes e judeus, sob administração britânica. Conviviam, mas não se misturavam: a equipe palestina só tinha atletas de origem judaica. Mas o Egito, que praticava o futebol há mais tempo (tinha até participado da Olimpíada de 1920), se classificou com duas goleadas.

www.claroideias.com.br 0800 036363
Para mais informações sobre o serviço, tarifas e celulares
acesse www.claroideias.com.br ou ligue 0800 0363636

Claro
Assista aos gols do Brasileirão da Globo.
Onde quer que você esteja.
NOKIA
Download de Gols.
Agora, você assiste no seu Claro aos gols da 1ª divisão do Brasileirão da Globo. Todos os gols estarão disponíveis até 30 minutos após serem marcados. Basta baixar e pronto: veja e reveja quantas vezes quiser.
Claro Idéias. Claro que você tem mais futebol.

E la nave va

Os argentinos viajaram uma semana antes, mas os brasileiros não pareciam muito preocupados com a viagem de 11 dias até a Europa, onde todos apostavam mesmo na Itália

É bom não esquecer que, assim como a Itália, também o Brasil vivia sob um regime totalitário em 1934. E quem pode, manda. Preocupado com a confusão entre CBD e FBF, Lourival Fontes (um dos homens fortes do governo de Getúlio Vargas) deu uma entrevista elogiando os profissionais que haviam abandonado os clubes para integrar a Seleção. Eles estavam "representando a nação brasileira" e, portanto, teriam de ser tratados como os verdadeiros patriotas que eram – um claro recado para que a FBF e os clubes profissionais parassem de acusar a CBD e para que os jornais começassem a exaltar o time. E os problemas, pelo menos temporariamente, desapareceram.

Considerando a estratégica posição política de **Fontes**, a CBD o convidou para ser o chefe da delegação que seguiria para Roma – e ele aceitou. Mas sem abrir mão dos privilégios. Na época, Fontes tinha o pomposo cargo de diretor da secretaria-geral do gabinete do prefeito do Distrito Federal e foi brindado com uma licença remunerada de 120 dias, para "promover no exterior a propaganda turística do Brasil".

Lourival Fontes (1899-1967), jornalista sergipano radicado no Rio, era considerado um intelectual brilhante, mas era também um confesso admirador do fascismo italiano – e de Benito Mussolini em particular. Homem de confiança de Getúlio Vargas desde 1930, quando teve início o governo totalitário, em 1934 ele foi nomeado diretor do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural – o responsável pela propaganda oficial da ditadura. Uma das idealizações de Fontes, que persiste até hoje, é o programa de rádio em cadeia nacional obrigatória *Voz do Brasil* (na época, *Hora do Brasil*, que foi ao ar pela primeira vez em 3 de janeiro de 1934). Mais tarde, em 1939, com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda, Fontes [illegible]

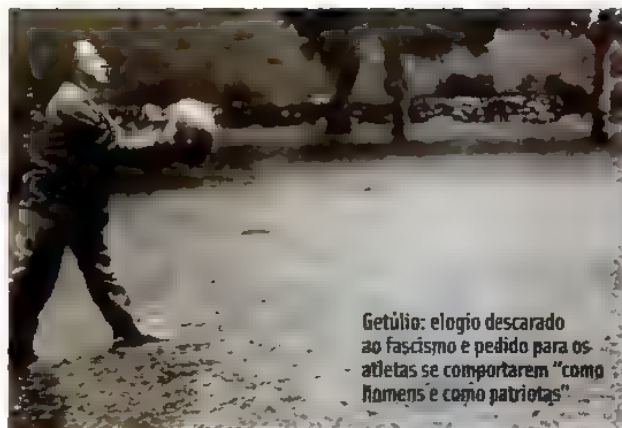
O cartaz oficial da Copa do Mundo de 1934, na Itália: como já ocorrera quatro anos antes, no Uruguai, a Seleção do Brasil embarcou confiante, mas...

Tem dinheiro ou não?

No dia 3 de maio, o navio Neptunia, que conduzia a delegação da Argentina a caminho da Itália, fez uma escala no Rio de Janeiro. E os argentinos estranharam a decisão do Brasil de só viajar uma semana depois, tempo que parecia insuficiente para recuperar a forma após a longa travessia do Atlântico. Mas essa era, segundo a CBD, outra maneira de reduzir custos. Além disso, o técnico Luiz Vinhaes dizia não haver motivo para preocupação, pois a Seleção estrearia contra a Espanha com "75% de sua capacidade física".

Se o dinheiro estava faltando por um lado, parecia estar sobrando por outro. No dia 9 de maio, uma quarta-feira, a CBD ainda tentou arrebanhar novos craques, fazendo publicar nos jornais as "últimas propostas" para convencer Domingos da Guia (que já tinha acertado seu ingresso no Vasco quando do retornasse de Montevidéu), Mário e Ladislau (ambos do Bangu), Jaguaré (do Corinthians), Tunga (do Palestra Itália) e Amado (do Flamengo). A CBD estava tão

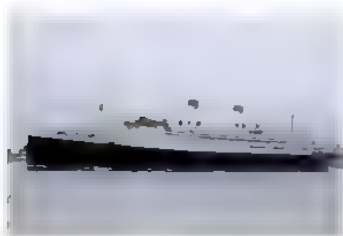
Material promocional produzido pelo Partido Fascista antes do Mundial: política e futebol entraram juntos em campo

Getúlio: elogio descarado ao fascismo e pedido para os atletas se comportarem "como homens e como patriotas"

otimista que colocou cinco deles na lista de 22 enviada à Fifa. Mas nenhum dos seis aceitou a oferta e a Seleção embarcou para a Itália com apenas 17 jogadores – o menor contingente que o Brasil já enviou para uma Copa (*confira a delegação completa no quadro da página 27*).

No dia 11 de maio, sexta-feira, a delegação foi se despedir do presidente Getúlio Vargas. E ouviu de sua excelência um elogio descarado ao fascismo de Mussolini. "O italiano, que se sentia deprimido antes do advento do fascismo, sente-se agora orgulhoso da própria raça". Getúlio ainda pediu que os atletas se comportassem na Itália "como homens e como patriotas". Naquela mesma noite, das 21h30 às 23h50, no campo do Botafogo, foi realizado o último treino em território nacional. E, na manhã seguinte, Luiz Vinhaes informou à imprensa a equipe que estrearia na Copa: Pedrosa, Sylvio Hoffman e Luiz Luz; Tinoco, Martim e Canalli; Luizinho, Waldemar de Britto, Armandinho, Leônidas e Patesko. Foi a única vez na história que uma Seleção saiu escalada do Brasil.

Todos a bordo

Ao meio-dia do sábado 12 de maio (15 dias antes da estréia no Mundial), a delegação embarcou no navio Conte Biancamano, um transatlântico de grande porte (208 metros de comprimento e 26 de largura), com capacidade para 1 718 passageiros. De construção inglesa, havia feito sua viagem inaugural nove anos antes, em 1925. Adquirido pelo governo italiano em 1932, passou a fazer a ligação regular entre América do Sul e Europa.

A viagem durou 11 dias, com uma escala em Dacar, na África, e Luiz Vinhaes se virou como pôde para evitar o relaxamento geral. O navio tinha uma piscina no convés e era nela que os jogadores exercitavam diariamente os músculos, nadando por duas horas depois de uma hora de ginástica corporal – saltos e corridas curtas. Quando o Conte Biancamano fez uma escala em Barcelona, os atletas foram levados a um terreno perto do porto para um coletivo de 40 minutos.

O Conte Biancamano: na escala do navio em Barcelona, os brasileiros conheceram os espanhóis, primeiros rivais

De volta ao navio, os brasileiros deram de cara com os adversários, os espanhóis, que embarcaram tinindo, depois de mais de um mês treinando em dois períodos.

No dia 23 de maio, uma quarta-feira, o Conte Biancamano aportou em Gênova, cidade onde Brasil e Espanha estreariam na Copa quatro dias depois. Já na manhã seguinte, os jogadores foram desintoxicar os músculos no estádio Nafta, da Sampdoria. Apenas 72 horas depois, no domingo 27, sob o sol forte do verão italiano e com os jogadores longe da melhor forma física, o Brasil jogou sua sorte. Apesar de todas as evidências em contrário, o jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, escreveu no dia do jogo: "Não nos surprehenderá se o telégrapho nos trouxer a notícia alvissareira do triumpho do Brasil no II Campeontato Mundial".

A Itália é só expectativa

A Juventus de Turim foi a grande equipe italiana da primeira metade dos anos 30 (venceu cinco campeonatos consecutivos, de 1930/1931 a 1934/1935). No início de 1933, a equipe de Turim tinha seis titulares na Seleção: Combi, Rosetta, Caligaris, Bertolini, Ferrari e Orsi. Em 1934, com a naturalização de Monti, centromédio argentino, o número subiu para sete. Completavam a Azzurra ídolos nacionais indiscutíveis, como Meazza (da Ambrosiana-Inter de Milão), Ferraris IV (da Roma) e Schiavio (do Bologna).

O estádio Mussolini, em Turim, foi construído especialmente para o Mundial de 1934 e foi palco de duas partidas: Áustria 3 x 2 França, pelas oitavas-de-final, e Tchecoslováquia 3 x 2 Suíça, pelas quartas-de final

Sindelar: o principal craque da Áustria não jogou no 4 x 2 sobre a Itália, que estimulou os donos da casa a se preparar como nunca para ganhar a Copa

Esse time jogava junto há quase quatro anos. De 1930 até 1933, a Itália disputou 26 jogos, com 17 vitórias, 6 empates e apenas 3 derrotas (duas em 1932, para a Hungria em Budapeste e para a Áustria em Viena, ambas por 2 x 1, e uma em 1930, para a Espanha por 3 x 2, em Bolonha, a última derrota em casa). Portanto, Mussolini não tinha o que temer: a Itália parecia pronta para atropelar a concorrência e levantar a taça.

Mas quatro meses antes da Copa, em 11 de fevereiro de 1934, a Itália recebeu a Áustria para um último amistoso em Turim – e perdeu feio, por 4 x 2. Para piorar, os austríacos estavam sem seu principal astro, o atacante Sindelar. A derrota causou um brutal aumento da pressão sobre os jogadores, por parte da torcida, da imprensa e, principalmente, do Partido Fascista. Diante das circunstâncias, o técnico Vittorio Pozzo decidiu isolar a Azzurra durante 60 dias, primeiro num hotel no Lago Maggiore, na fronteira com a Suíça, e depois em Roveta, nas colinas de Florença. Assim, bem preparados, os donos da casa eram os grandes favoritos quando a bola começou a rolar nos gramados italianos. Acompanhe nas próximas páginas todos os jogos do Mundial de 1934.

Os “amadores” de 1934

[illegible] 16 dos 17 jogadores brasileiros que foram à Itália [illegible] em Gênova, [illegible] para a Espanha por 3 a 1 [illegible]

Dos 17 jogadores que viajaram para a Itália (o menor contingente que o Brasil já enviou para uma Copa), 9 eram do Botafogo, 4 do São Paulo da Floresta, 2 do Vasco, 1 do Grêmio e 1 do Nacional de Montevidéu. Da Seleção que havia participado do Mundial de 1930, no Uruguai, Carvalho Leite foi o único jogador convocado novamente em 1934.

Como a delegação não podia ter dois chefes, e como todo mundo sabia que quem mandava era Carlito Rocha, o irrequieto dirigente do Botafogo resolveu a questão concedendo-se nada menos que três funções: representante da CBD para o Congresso da Fifa, juiz (que ele realmente era, embora não tenha apitado nenhum jogo da Copa) e técnico, junto com Luiz Vinhaes (Carlito também já tinha exercido a função de técnico no Botafogo, o difícil é descobrir alguma coisa no futebol que ele não tenha sido). Numa inócua e tardia medida de contenção de despesas, a Seleção viajou sem massagista nem médico. Como o jornalista Caribé da Rocha era médico formado e o jogador Carvalho Leite estudava Medicina, Carlito decidiu que o conhecimento dos dois seria suficiente em caso de necessidade. Confira a lista dos atletas e dirigentes que embarcaram para Gênova.

Goleiros

Roberto Gomes **Pedrosa**, 20 anos (8 de junho de 1913), do Botafogo
Germano Boettcher Sobrinho, 23 anos (14 de março de 1911), do Botafogo

Zagueiros

Sylvio Hoffman Mazzi, 26 anos (11 de maio de 1908), do São Paulo da Floresta
Luiz dos Santos **Luz**, 25 anos (26 de janeiro de 1909), do Grêmio
Octacílio Pinheiro Guerra, 24 anos (21 de novembro de 1909), do Botafogo

Médios

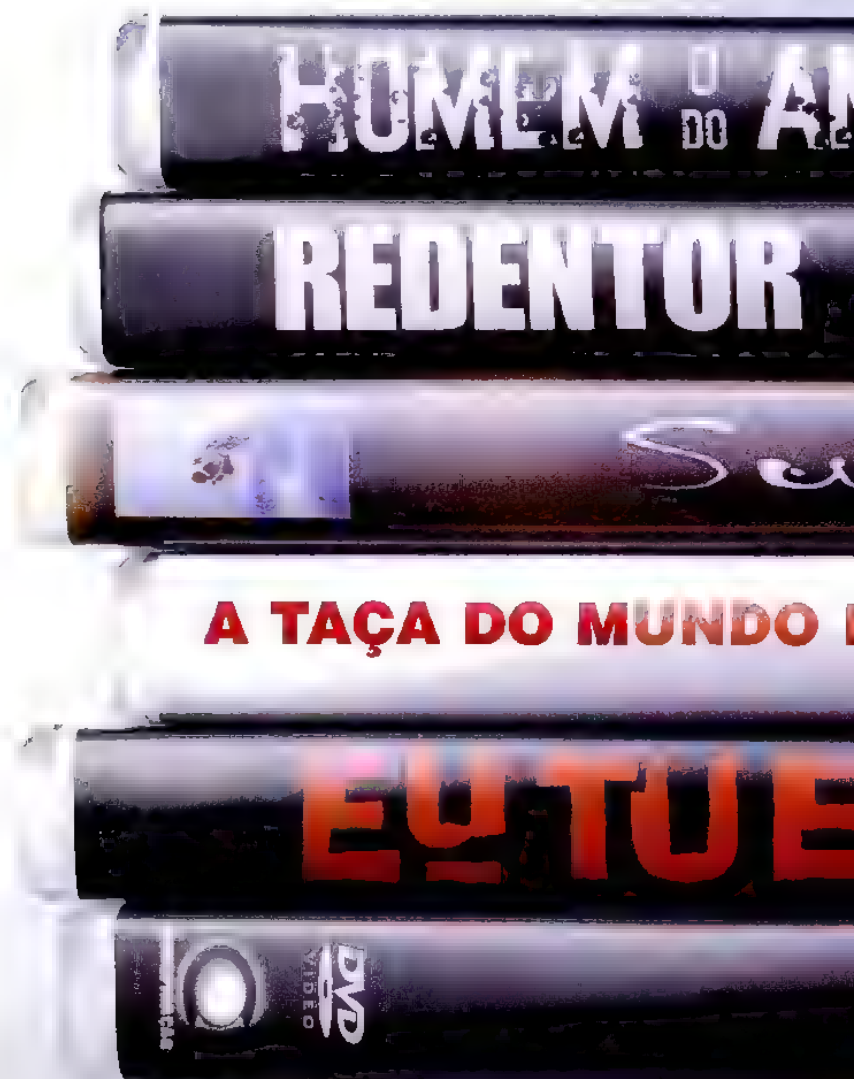
Alfredo Alves **Tinoco**, 29 anos (2 de dezembro de 1904), do Vasco
Martim Mércio de Oliveira, 23 anos (21 de abril de 1911), do Botafogo
Heitor **Canalli**, 24 anos (31 de março de 1910), do Botafogo
Ariel Nogueira, 24 anos (22 de fevereiro de 1910), do Botafogo
Waldir Walter Vicente Guimarães, 22 anos (21 de março de 1912), do Botafogo

Atacantes

Luizinho (Luiz Mesquita de Oliveira), 23 anos (29 de março de 1911), do São Paulo da Floresta
Waldemar de Brito, 21 anos (17 de maio de 1913), do São Paulo da Floresta
Armandinho (Armando dos Santos), 22 anos (3 de junho de 1911), do São Paulo da Floresta
Leônidas da Silva, 20 anos (6 de setembro de 1913), do Vasco
Patesko (Rodolfo Barteczko), 23 anos (12 de novembro de 1910), do Nacional de Montevidéu
Carlos Alberto Dobbert de **Carvalho Leite**, 21 anos (25 de junho de 1912), do Botafogo
Átila de Carvalho, 23 anos (16 de dezembro de 1910), do Botafogo

Comissão técnica

Chefe: Lourival Fontes
Técnicos: Luiz Vinhaes, campeão carioca pelo Bangu em 1933 (versão Liga Carioca de Futebol, a entidade que já havia adotado o profissionalismo no Rio) e Carlos Martins da Rocha (Carlito Rocha), campeão carioca de 1933 pelo Botafogo (versão Amea, a associação amadora)
Secretário: Alexandre Brigole
Jornalista: José Caribé da Rocha
Tesoureiro: Francisco de Paula Job, presidente da Federação Gaúcha de Futebol (então chamada Riograndense). Sua inclusão na delegação foi um agradecimento pela cessão do zagueiro Luiz Luz

Pôr o cinema em dia:
R$ 7,00

O Mundial, jogo a jogo

Oitavas-de-final

O sistema de disputa foi modificado em relação a 1930 – e para pior. A Fifa dividiu as 16 seleções classificadas em dois grandes grupos: oito cabeças de chave e oito mais fracos, para evitar confrontos diretos entre os países considerados tecnicamente mais fortes já na primeira rodada. Em seguida, foi feito um sorteio para definir os jogos. Por ser o único país sul-americano representado com um time competitivo, o Brasil ficou entre os melhores. Mas o sorteio não ajudou: nosso adversário foi a forte Espanha, uma Seleção poderosa que havia sido colocada entre os piores porque, em partidas preparatórias, após as eliminatórias, enfrentou três vezes a equipe inglesa do Sunderland e perdeu dois jogos e empatou um. Assim, as oitavas-de-final não foram disputadas em grupos, mas num único e decisivo jogo. E os derrotados disseram adeus à Copa. Estranhamente, só a Espanha e a Suíça protestaram contra essa fórmula meio sem sentido, mas acabou prevalecendo a vontade do Comitê Organizador.

ITÁLIA 7 x 1 ESTADOS UNIDOS

Data: 27 de maio de 1934, domingo
Horário: 16h30
Estádio: Nazionale del PNF, em Roma
Público estimado: 25 000 pessoas
Gols: *Schiavio* (18), *Orsi* (20) e *Schiavio* (29 do 1º); *Donelli* (12), *Ferrari* (18), *Schiavio* (19), *Orsi* (24) e *Meazza* (44 do 2º)
Itália – *Combi, Rosetta e Allemandi; Pizziolo, Monti e Bertolini; Guarisi, Meazza, Schiavio, Ferrari e Orsi.*
Técnico: Vittorio Pozzo
Estados Unidos – *Hjulian, Czerkiewicz e Moorehouse; Pietras, Gonsalves e Florie; Ryan, Nilsen, Donelli, Dick e McLean.*
Técnico: David Gould
Juiz: René Mercet (Suíça)
Auxiliares: Escartin (Espanha) e Zenisek (Tchecoslováquia)

Presença "eletrizante"

[illegible] tribuna de honra quando os dois times já haviam entrado em campo. Assim, ao invés de aplaudir os jogadores, Mussolini foi aplaudido por eles. O Partido Fascista tinha jornalista próprio no *Stadio Nazionale* e a ele cabia emitir um boletim oficial da partida, que era enviado a todos os representantes da imprensa local e internacional que faziam a cobertura da Copa. Como não poderia deixar de ser, o boletim começava com "Eletrizados pela presença de Benito Mussolini no estádio...". Eletrizados, ou assustados, os jogadores italianos correram uma barbaridade e aplicaram a maior goleada da Copa nos Estados Unidos – que, como foi bem lembrado no [illegible] boletim, não eram um time qualquer, mas o terceiro colocado do Mundial anterior. Com a derrota, os americanos caíram fora. Pela Itália, jogaram os argentinos [illegible] mais o brasileiro Guarisi, o Filó. Para os [illegible] históricos, o terceiro gol de Schiavio no jogo – o quinto da Itália – foi o centésimo gol da história [illegible]

ALEMANHA 5 x 2 BÉLGICA

Data: 27 de maio de 1934, domingo
Horário: 16h30
Estádio: Giovanni Berta, em Florença
Público estimado: 8 000 pessoas
Gols: *Kobierski* (18) e *Voorhoof* (24 e 35 do 1º); *Siffling* (11) e *Conen* (28, 32 e 43 do 2º)
Alemanha – *Kress, Haringer e Schwarz; Janes, Szepan e Zielinski; Lehner, Hohmann, Conen, Siffling e Kobierski.*
Técnico: Otto Nerz
Bélgica – *Van de Weyer, Smellinckx e Joacim; Peeraer, Welkenhuyzen e Claessens; De Vries, Voorhoof, Capelle, Grimmonprez e Heremans.*
Técnico: Hector Goetinck
Juiz: Francesco Mattea (Itália)
Auxiliares: Baert (França) e Melandri (Itália)

Deu a lógica

Em Florença, os termômetros [illegible]travam 30 graus [illegible] ir ao estádio. No ano anterior, os belgas haviam sido [illegible] fácil vitória. Mas, surpreendentemente, a [illegible] terminou o primeiro tempo vencendo por 2 x [illegible] com 2 gols de Bernard Voorhof. No segundo tempo veio a reação e o jovem atacante Edmund Conen de 19 anos, se tornou o herói do jogo, marcando [illegible] nos 15 minutos finais. A Alemanha passou para as quartas e a Bélgica voltou par[illegible]

SUÉCIA 3 x 2 ARGENTINA

Data: 27 de maio de 1934, domingo
Horário: 16h30
Estádio: Littoriale, em Bolonha
Público estimado: 14 000 pessoas
Gols: *Belis* (16) e *Jonasson* (33 do 1º); *Galateo* (4), *Jonasson* (22) e *Kroon* (35 do 2º)
Suécia – *Rydberg, Axelsson e Sven Andersson; Karlsson, Rosen e Ernst Andersson; Dunker, Gustavsson, Jonasson, Keller e Kroon.*
Técnico: Jozsef Nagy
Argentina – *Freschi, Pedeveilla e Belis; Nehin, Urbieta Sosa e Lopez; Rua, Wilde, Devicenzi, Galateo e Iraneta.*
Técnico: Felipe Pascucci
Juiz: Eugen Braun (Áustria)
Auxiliares: Carraro (Itália) e Turbiani (Itália)

Calor e frieza

Com um futebol surpreendentemente ági[illegible] a Argentina deu um suadouro na Suécia[illegible] [illegible]tar ganhando por 1 x 0 e 2 x 1 e só levou o terceiro gol a 16 minutos do fim do jogo. Mas a tradicional frieza dos suecos em momentos de aperto fez com que a equipe não se desesperasse e conseguisse a classificação. E os amadores argentinos, derrotados, mas com a honra intacta, regressaram a Buenos Aires.

SUÍÇA 3 x 2 HOLANDA

Data: 27 de maio de 1934, domingo
Horário: 16h30
Estádio: San Siro, em Milão
Público estimado: 23 000 pessoas
Gols: *Kielholz* (10), *Smit* (pênalti, 23) e *Kielholz* (36 do 1º); *Abegglen* (12) e *Vente* (35 do 2º)
Suíça – *Sechehaye, Minelli e Weiler; Guinchard, Jaccard e Hufschmid; Von Känel, Passello, Kielholz, Abegglen e Bossi.*
Técnico: Henry Muller
Holanda – *Van der Muellen, Weber e Van Run; Pelikaan, Andereisen e Van Heel; Wels, Vente, Bakhuys, Smit e Van Nellen.*
Técnico: Robert Glendenning
Juiz: Ivan Eklind (Suécia)
Auxiliares: Beranek (Áustria) e Bonivento (Itália)

Zebra suíça

Adotando a tática de se fechar [illegible] contra-ataques, a Suíça eliminou a favorita Holanda. O centroavante suíço Leopold 'Poldi' Kielholz foi o primeiro a usar óculos em Copas (marcou 2 dos 3 gols). O jogo terminou de forma polêmica: o juiz [illegible] a um passo da linha da grande área. Fiel à regra encerrou a partida no exato momento em que Smit chutava a bola, que entrou no ângulo direito. A Holanda primeiro comemorou e depois [illegible]ou, mas o árbitro confirmou o placar de 3 [illegible]

Em nome do Führer

A Alemanha estava empenhada em fazer boa figura por motivos políticos: Adolf Hitler já começava a investir em sua teoria da raça superior ariana, que chegaria ao ápice na Olimpíada de Berlim, em 1936. Após as eliminatórias, o técnico Otto Nerz selecionou 38 jogadores, que foram submetidos a rígidos treinamentos físicos durante dois meses, até serem escolhidos os 18 que iriam à Itália. Com uma média de idade de 23 anos, a Alemanha tinha a Seleção mais jovem de todas as 16.

Até um paraguaio

Essa não era a verdadeira Seleção Argentina. Basta ver os times a que os jogadores pertenciam: o goleiro Freschi era do Sarmiento Resistencia Chaco; Pedevilla, do Estudantil Porteño; Belis, do Defensores de Belgrano; Nehin, do Deamparados de San Juan; Urbieta Sosa (nascido no Paraguai), do Godoy Cruz Mendoza. E por aí vai. Tal qual havia acontecido no Brasil, também na Argentina os grandes times, como Boca Juniors, River Plate e San Lorenzo, haviam aderido ao profissionalismo e formado uma liga fora da jurisdição da Fifa. Daí a decisão de mandar para a Itália um time só de amadores que ainda atuavam em clubes filiados à Associação de Futebol da Argentina – tanto que nenhum deles ficou famoso depois da Copa. A falta de grandes talentos era tão flagrante que o campeão amador argentino de 1993, o Sportivo Dock Sud, cedeu apenas um atleta para a Seleção – o ponteiro-direito Rua.

O *Wunderteam*

Em 1931, o técnico Hugo Meisl montou uma Seleção que ficou conhecida como *Wunderteam* – e que fazia jus ao "maravilha" do apelido. Até 1933, a Áustria disputou 16 jogos, vencendo 12, empatando 2 e perdendo 2 – o melhor desempenho de todas as seleções européias no período. O ataque marcou 63 gols e a defesa sofreu 20. O cérebro do *Wunderteam* era o atacante Mathias Sindelar, conhecido como Homem de Papel por sua maleabilidade. Escalado como centroavante, ele distribuía o jogo, recuando e criando espaços para que os pontas e os meias surpreendessem a defesa adversária. Sindelar jogou 43 vezes pela Seleção Austríaca, marcando 27 gols. Ele nasceu em 10 de fevereiro de 1903 e morreu aos 35 anos, em 23 de janeiro de 1939 (nunca ficou esclarecido se foi suicídio ou envenenamento). A Copa de 1934, entretanto, pegou a Áustria em meio a uma séria crise econômica. Sem dinheiro, os torcedores deixaram de ir aos estádios e os clubes quase quebraram.

A África em campo

Primeiro país africano a participar de uma Copa, o Egito só viu sua façanha se repetir 36 anos depois, em 1970, quando o Marrocos foi ao México.

ÁUSTRIA 3 x 2 FRANÇA (1 x 1 no tempo normal)

Data: 27 de maio de 1934, domingo
Horário: 16h30
Estádio: Mussolini, em Turim
Público estimado: 16 000 pessoas
Gol: *Nicolas* (18) e *Sindelar* (34 do 1º); *Schall* (3 do 1º da prorrogação); *Bican* (4) e *Verriest* (pênalti, 15 do 2º da prorrogação)
Áustria – *Platzer, Cisar e Sesta; Wagner, Smistek e Urbanek; Zischek, Bican, Sindelar, Schall e Viertl.*
Técnico: Hugo Meisl
França – *Thépot, Mairesse e Mattler; Delfour, Verriest e Lietaer; Keller, Alcazar, Nicolas, Rio e Aston.*
Técnicos: George Kimpton
Juiz: Johann van Moorsel (Holanda)
Auxiliares: Caironi (Itália) e Baert (Bélgica)

Batalha épica

Esse era o jogo mais aguardado das oitavas e não decepcionou os que esperavam uma batalha épica: o empate em 1 x 1 levou à prorrogação – a primeira na história das Copas. O técnico da França, [illegible]mpton (que era inglês), determinou que o [illegible] por todo o campo, impedindo que o austríaco armasse jogadas. A tática funcionou e a Áustria só conseguiu vencer no final, quando os franceses davam sinais de cansaço. Mas a França reclamou do segundo gol austríaco, "em total impedimento"

TCHECOSLOVÁQUIA 2 x 1 ROMÊNIA

Data: 27 de maio de 1934, domingo
Horário: 16h30
Estádio: Littorio, em Trieste
Público estimado: 9 000 pessoas
Gols: *Dobai* (37 do 1º); *Puc* (16) e *Nejedly* (28 do 2º)
Tchecoslováquia – *Planicka, Zenisek e Ctyroki; Kostalek, Cambal e Krcil; Junek, Silny, Sobotka, Nejedly e Puc.*
Técnico: Karel Petru
Romênia – *Zombory, Vogl e Albu; Deheleanu, Kotormany e Morawetz; Bindea, Kovacs, Sepi, Bodola e Dobay.*
Técnicos: Constantin Radulescu e Josef Uridil
Juiz: Jean Langenus (Bélgica)
Auxiliares: Scarpi (Itália) e Scorzoni (Itália)

Faltou fôlego

Inesperadamente, a Romênia endureceu o jogo. [illegible] tcheco Frantisek Planic[illegible] a sorte – a 2 minutos do fim, o romeno Bodola [illegible] se classificou. Mas a vitória não rendeu nenhum elogio: os jornais creditaram o resultado ao mau preparo físico dos romenos, que correram den[illegible]

HUNGRIA 4 x 2 EGITO

Data: 27 de maio de 1934, domingo
Horário: 16h30
Estádio: Ascarelli, em Nápoles
Público estimado: 9 000 pessoas
Gols: *Teleki* (7), *Toldi* (18) e *Fauzi* (26 e 42 do 1º); *Vincze* (12) e *Toldi* (42 do 2º)
Hungria - *Antal Szabo, Futo e Sternberg; Palotas, Szucs e Lazar; Markos, Vincze, Teleky, Toldi e Gabor Szabo.*
Técnico: Odon Nadas
Egito – *Kamel Mansour, El Kaf e Hamido; El Far, Rafaat e Raghab; Latif, Fauzi, Mokhtar, Kamel Taha e Hassan.*
Técnico: James McCabe
Juiz: Rinaldo Barlassina (Itália)
Auxiliares: Datillo (Itália) e Sassi (Itália)

O juiz ajudou

[illegible] tudo definido. Mas o Egito – que, por coincidência, fizera sua estréia internacional nos Jogos Olímpicos de 1920 vencendo a própria Hungria por 3 x 0 – encontrou forças para [illegible] terceiro gol, o Egito foi para o ataque e só não conseguiu o empate porque o juiz Barlassina anulou um gol aparentemente válido de Mokhtar. Assim, o quarto gol da Hungria foi mais um alívio do que uma demonstração de supe[illegible]dade.

ESPANHA 3 x 1 BRASIL
Data: 27 de maio de 1934, domingo
Horário: 16h30
Estádio: Marassi, em Gênova
Público estimado: 21 000 pessoas
Gol: *Iraragorri* (pênalti, 17) e *Lángara* (26 e 31 do 1º); *Leônidas* (11 do 2º)
Espanha – *Zamora, Ciriaco e Quincoces; Cillaurren, Muguerza e Marculeta; Lafuente, Iraragorrri, Lángara, Lecue e Gorostiza.*
Técnico: Amadeo Garcia Salazar
Brasil – *Pedrosa, Sylvio Hoffman e Luiz Luz; Tinoco, Martim e Canalli; Luizinho, Waldemar de Britto, Armandinho, Leônidas e Patesko.*
Técnico: Luiz Carlos Vinhaes
Juiz: Alfred Birlem (Alemanha)
Auxiliares: Carminatti (Itália) e Ivancsics (Hungria)

Técnica versus talento

tentar jogar coletivamente. Mas, apesar de a

de ter conseguido o domínio territorial da

aos olhos da torcida foram brasileiros: o atrevido Leônidas e o refinado Waldemar de Britto.
O jornal *La Vanguardia*, de Barcelona, considerou o primeiro tempo "a melhor exibição

tentava se arrumar em campo, os espanhóis

vantagem apreciável, embora não muito justa.

aparentando certo desinteresse, e o Brasil aproveitou. Leônidas diminuiu logo aos 11

Luizinho recebeu de Waldemar de Britto e tocou para as redes, mas o gol foi anulado por

estava Ricardo Zamora, de 34 anos, do Real

minutos: o primeiro foi da Espanha e o segundo

competente nas conclusões. Assim, embora a apresentação do Brasil não tenha sido

para a fase seguinte (o outro foi a Holanda).

O lance polêmico: na hora, ninguém reclamou...

A culpa é do juiz

Após o jogo, Lourival Fontes, chefe da delegação, enviou um irado telegrama à CBD, informando que o Brasil havia sido "grandemente prejudicado" pelo juiz Birlem. Curiosamente, o que nas décadas seguintes seria apontada como a prova mais evidente dessa parcialidade não estava nem no telegrama de Fontes nem nas páginas dos jornais do dia seguinte: um pênalti escandaloso não marcado contra a Espanha aos 21 minutos do primeiro tempo. Num escanteio da direita, a bola sobrou na área e Patesko chutou para o gol. A foto do lance mostra o zagueiro Quincoces, ajoelhado sobre a risca do gol, aparentemente defendendo a bola com o braço. Leônidas está na jogada junto com o goleiro Zamora, que está caindo depois que a bola já passou. Ao fundo, aparece o juiz Birlem, com perfeita visão do lance. Na verdade, a imagem não esclareceu a polêmica: ela *criou* a polêmica. Depois de sua publicação, dois dias após o jogo, é que muitos viram o pênalti clamoroso de que, na hora, ninguém reclamou. Mas os espanhóis também saíram se queixando do juiz. Aos 36 minutos do segundo tempo, Lángara entrou livre na área, passou pelo goleiro Pedrosa e, quando ia marcar, levou um encontrão de Luiz Luz. O juiz considerou a trombada normal e não marcou o pênalti.

Quartas-de-final

Na noite do domingo 27 de maio, os oito países classificados nas oitavas – todos europeus – enfrentaram um novo sorteio, que decidiu os jogos das quartas-de-final. Por causa das inúmeras reclamações sobre as más arbitragens da primeira fase, no dia seguinte o Comitê Organizador da Fifa se reuniu em Florença para designar os juízes que apitariam nas quartas. A reunião, que deveria ser rápida e tranqüila, acabou sendo tensa e longa. Parte dos países havia sugerido que os árbitros fossem sorteados. Outros reivindicavam a escolha por comum acordo entre as duas seleções. E um grupo mais radical achava que a Fifa deveria simplesmente escalá-los sem dar satisfações a ninguém. A reunião só terminou às 2 e meia da madrugada, com uma decisão salomônica: a Fifa apontaria os juízes, mas estaria aberta a pedidos de revisão. Mas o grupo radical estava certo: divulgada a lista, não houve nenhuma reclamação.

Alô, ouvintes!

Dos 16 países presentes à Copa de 1934, 12 – os europeus – tiveram transmissão direta de seus jogos por rádio. E a França extrapolou: levou dois locutores, para transmitir partidas simultâneas. O Brasil ainda recebia as notícias por telégrafo, nas redações dos jornais, que repassavam os resultados ao público reunido na frente de seus prédios por meio de cartazes expostos nas janelas. Era uma espécie de transmissão por escrito, "mais ou menos" ao vivo.

ALEMANHA 2 x 1 SUÉCIA

Data: 31 de maio de 1934, quinta-feira
Horário: 16h30
Estádio: San Siro, em Milão
Público estimado: 16 000 pessoas
Gols: *Hohmann* (15 e 18) e *Dunker* (37 do 2º)
Alemanha – *Kress, Haringer e Busch; Gramlich, Szepan e Zielinski; Lehner, Hohmann, Conen, Siffling e Kobierski.*
Técnico: Otto Nerz
Suécia – *Rydberg, Axelsson e Sven Andersson; Karlsson, Rosen e Ernst Andersson; Dunker, Gustavsson, Jonasson, Keller e Kroon.*
Técnico: Jozsef Nagy
Juiz: Rinaldo Barlassina (Itália)
Auxiliares: Van Moorsel (Holanda) e Mercet (Suíça)

Muita paciência

O jovem time alemão conseguiu colocar os nervos no lugar e, imitando os gelados suecos, esperou o tempo passar até que as oportunidades surgissem. E elas vieram no segundo tempo, quando Karl Hohmann, de 26 anos, que jogava por um time menor da Alemanha, o VfL Benrath, fez [illegible] em 3 minutos e matou o jogo. Anos mais tarde, Hohmann seria imortalizado em sua cidade natal, dando nome à rua do estádio do Benrath.

TCHECOSLOVÁQUIA 3 x 2 SUÍÇA

Data: 31 de maio de 1934, quinta-feira
Horário: 16h30
Estádio: Mussolini, em Turim
Público estimado: 12 000 pessoas
Gols: *Kielholz* (18) e *Svoboda* (24 do 1º); *Sobotka* (4), *Jäggi* (33) e *Nejedly* (37 do 2º)
Tchecoslováquia – *Planicka, Zenisek e Ctyroki; Kostalek, Cambal e Krcil; Junek, Svoboda, Sobotka, Nejedly e Puc.*
Técnico: Karel Petru
Suíça – *Sechehaye, Minelli e Weiler; Guinchard, Jaccard e Hufschmid; Von Känel, Jäggi, Kielholz, Abegglen e Jaeck.*
Técnico: Henry Muller
Juiz: Alois Beranek (Áustria)
Auxiliares: Mohammed (Egito) e Baert (França)

Óculos e má pontaria

[illegible] novamente deixou sua marca. Mas os tchecos, com seu monótono jogo de toques curtos, [illegible] nem lançamentos, conseguiram [illegible] fazer os 3 gols que garantiram a classificação. Pelo lado da Suíça, houve muitos lamentos pela imprecisão de Abegglen, que desperdiçou uma oportunidade claríssima de conseguir o empate no último minuto de jogo. Com o goleiro Planicka caído e o gol livre, o meia chutou por cima do [illegible] a chance de continuar lutando pela vaga.

Sucesso de bilheteria

A Copa da Itália teve menos espectadores que a anterior, realizada no Uruguai (358 000 contra 434 000). Mas, graças ao preço bem mais alto dos ingressos, a arrecadação em 1934 foi 150% maior que a de 1930. O lado ruim é que esses preços afugentaram muitos torcedores: a lotação média dos estádios foi de apenas 51%. Com exceção das cinco apresentações da Itália (86% dos lugares vendidos), os 12 jogos restantes tiveram uma ocupação de apenas 36%. Mas, no fim das contas, a Copa mostrou-se, novamente, um empreendimento financeiramente viável, além de proporcionar ao país-sede outras vantagens econômicas – como o aumento da receita com o turismo.

ÁUSTRIA 2 x 1 HUNGRIA

Data: 31 de maio de 1934, quinta-feira
Horário: 16h30
Estádio: Littoriale, em Bolonha
Público estimado: 23 000 pessoas
Gols: *Horvath* (11 do 1º), *Zischek* (6) e *Sarosi* (*pênalti, 15 do 2º*)
Áustria – *Platzer, Cisar e Sesta; Wagner, Smistek e Urbanek; Zischek, Bican, Sindelar, Horvath e Viertl.*
Técnico: Hugo Meisl
Hungria – *Antal Szabo, Vago e Sternberg; Palotas, Szucs e Szalay; Markos, Avar, Sarosi, Toldi e Kemeny.*
Técnico: Odon Nadas
Juiz: Francesco Mattea (Itália)
Auxiliares: Birlem (Alemanha) e Escartin (Espanha)

Show de pancadaria

[illegible] extrema violência, o que acabou ocasionando a única expulsão da Copa: a do húngaro Imre [illegible] pouco: no mínimo cinco ou seis mereciam tomar banho mais cedo. Um deles foi o austríaco [illegible], que deu uma entrada criminosa no meia [illegible] Toldi, que saiu de campo desacordado, aos 35 minutos do segundo tempo, e não retornou. A Áustria venceu, mas a violência constrangeu [illegible] que pediu desculpas no dia seguinte.

ITÁLIA 1 x 1 ESPANHA
(0 x 0 na prorrogação)

Data: 31 de maio de 1934, quinta-feira
Horário: 16h30
Estádio: Giovanni Berta, em Florença
Público estimado: 35 000 pessoas
Gols: *Regueiro* (30) e *Ferrari* (44 do 1º)
Itália – *Combi, Monzeglio e Allemandi; Pizziolo, Monti e Castellazzi; Guaita, Meazza, Schiavio, Ferrari e Orsi.*
Técnico: Vittorio Pozzo
Espanha – *Zamora, Ciriaco e Quincoces; Cillaurren, Muguerza e Fede; Lafuente, Iraragorrri, Lángara, Regueiro e Gorostiza.*
Técnico: Amadeo Garcia Salazar
Juiz: Louis Baert (Bélgica)
Auxiliares: Ivancsics (Hungria) e Zenisek (Tchecoslováquia)

Equilíbrio total

Para a maioria dos observadores, o vencedor desse jogo certamente estaria na final. E os dois times mostr[illegible]m que de fato eram equilibrados em tudo, tanto que nenhum [illegible] vencedor após o jogo normal e a prorr[illegible] de 30 minutos. O juiz Baert foi muito crit[illegible] pela Espanha por ter feito vista grossa ao jogo violento dos italianos – fato atribuído pelos jornais espanhóis à intimidadora presença de Mussolini na tribuna do estádio de Floren[illegible]. E, mais ainda, por não ter marcado uma [illegible] faltosa de Schiavio sobre o goleiro Zamora no lance que resultou no gol de empate dos donos da casa. Na prorrogação, cada equipe mandou uma bola na trave adversária, mas ninguém conseguiu marcar. O esforço geral foi tanto que, no melhor estilo italiano, Meazza desmaiou assim que o juiz apitou o final dos 120 minutos de luta e teve de sair carregado de campo. Como previa o regulamento, Itália e Espanha tiveram de fazer um novo jogo – no dia seguinte – para definir quem seria o classificado para a semifinal.

ITÁLIA 1 x 0 ESPANHA

Data: 1º de junho de 1934, sexta-feira
Horário: 16h30
Estádio: Giovanni Berta, em Florença
Público estimado: 40 000 pessoas
Gols: *Meazza* (11 do 1º)
Itália – *Combi, Monzeglio e Allemandi; Ferraris IV, Monti e Bertolini; Guaita, Meazza, Borel, Demaria e Orsi.*
Técnico: Vittorio Pozzo
Espanha – *Nogues, Zabalo e Quincoces; Cillaurren, Muguerza e Lecue; Vantolra, Regueiro, Campanal, Chacha e Bosch.*
Técnico: Amadeo Garcia Salazar
Juiz: René Mercet (Suíça)
Auxiliares: Ivancsics (Hungria) e Zenisek (Tchecoslováquia)

Escalação estranha

Ninguém, em sã consciência, [illegible] supor que os dois times pudessem [illegible] dia anterior, após um [illegible] [illegible] trocou quatro jogadores na equipe italiana [illegible] [illegible] nada menos que sete [illegible] foi muito sentida, a do goleador Lángara, [illegible] outra deixou surpresa a torcida presente [illegible] estádio: a do goleiro Zamora. Sem ele, [illegible] não apenas perdeu muito de sua segurança na def[illegible], mas também boa parte de [illegible] como equipe. Zamora n[illegible] [illegible] nenhum sinal de contusão ao deixar o campo na véspera e, [illegible] nem ele nem qualquer dirige[illegible] explicar o motivo d[illegible] e líder num jogo de vida ou morte. Mas, pelo menos, o goleiro [illegible], do Barcelona, não comprometeu. O único gol que sofreu, logo no início do primeiro tempo, foi uma cabeçada indefensável de Meazza, após [illegible] durante [illegible] desleal de Monti, aos 25 minutos do primeiro [illegible] a Espanha deu muito trabalho aos donos da [illegible], mas não conseguiu vencer.

Ah, o apito amigo

A Itália teve o domínio do jogo, que se desenrolou num ritmo mais lento que o da véspera, mas os espanhóis reclamaram muito de 2 gols anulados no segundo tempo. O primeiro de Campanal, invalidado por impedimento de Regueiro, que não participava do lance. E o segundo porque o juiz suíço Mercet marcou, com muito atraso, uma falta a favor da Espanha: ele só apitou depois que Regueiro havia levado vantagem no lance e colocado a bola nas redes de Combi. Jean Langenus, o juiz da final de 1930 e que também apitou em 1934, criticou severamente a atuação de Mercet num artigo para o jornal alemão *Kicker*. Após a Copa, envergonhada, a comissão de arbitragem da Federação Suíça suspendeu Mercet por tempo indeterminado, mas o mal estava feito: a Itália tinha ido para as semifinais e a Espanha, para casa.

Semifinais

Dos quatro países classificados para as semifinais, Itália e Áustria eram considerados os que tinham mais chances de conquistar o título, já que Alemanha e Tchecoslováquia pouco haviam apresentado nos dois primeiros jogos. Mas quis o destino – pelas mãos de um sorteio realizado na noite da sexta-feira, 1º de junho – que austríacos e italianos tivessem de se enfrentar na semi. Enquanto isso, tchecos e alemães disputaram o outro jogo, que a imprensa chamou de "atalho para a grande decisão".

Tática avançada

A Alemanha era a equipe taticamente mais avançada da Copa, a única que jogava no sistema WM desenvolvido na Inglaterra. Todos as outras seleções ainda tinham dois zagueiros de área, três médios e cinco atacantes, sendo que dois deles, os meias, voltavam para armar as jogadas. O WM recuava um dos médios para compor uma linha de três zagueiros e formava um quadrado no meio de campo, com os dois médios restantes e os dois meias, numa espécie de 3-2-2-3. O sistema se transformou em padrão mundial na Copa seguinte, em 1938.

TCHECOSLOVÁQUIA 3 x 1 ALEMANHA

Data: 3 de junho de 1934, domingo
Horário: 16h30
Estádio: Nazionale PNF, em Roma
Público estimado: 15 000 pessoas
Gols: *Nejedly* (19 do 1º); *Noack* (17) e *Nejedly* (26 e 35 do 2º)
Tchecoslováquia – *Planicka, Burgr e Ctyroki; Kostalek, Cambal e Krcil; Junek, Svoboda, Sobotka, Nejedly e Puc.*
Técnico: Karel Petru
Alemanha – *Kress, Haringer e Busch; Bender, Szepan e Zielinski; Lehner, Noack, Conen, Siffling e Kobierski.*
Técnico: Otto Nerz
Juiz: Rinaldo Barlassina (Itália)
Auxiliares: Beranek (Áustria) e Escartin (Espanha)

Surpresa total

A ousadia tática dos alemães esbarrou na [illegible] [illegible] Não puderam jogar o atacante Karl Hohmann, machucado, e o médio [illegible] Gramlich, que teve de retornar à Alemanha por um motivo impensável nos dias de hoje: [illegible] empregador o chamou de volta ao trabalho. [illegible] prevaleceu durante o jogo o metódico estilo de toques curtos dos tchecos, que evoluíam [illegible] Para complicar, o goleiro alemão Willibald Kress, numa tarde infeliz, falhou em 2 gols tchecos, soltando bolas fáceis nos pés dos atacantes. Com a vitória por 3 x 1, a Tchecoslováquia, que nunca estivera na relação dos prováveis candidatos ao título, passou para a final.

ITÁLIA 1 x 0 ÁUSTRIA

Data: 3 de junho de 1934, domingo
Horário: 16h30
Estádio: San Siro, em Milão
Público estimado: 35 000 pessoas
Gols: *Guaita* (19 do 1º)
Itália – *Combi, Monzeglio e Allemandi; Ferraris IV, Monti e Bertolini; Guaita, Meazza, Schiavio, Ferrari e Orsi.*
Técnico: Vittorio Pozzo
Áustria – *Platzer, Cisar e Sesta; Wagner, Smistek e Urbanek; Zischek, Bican, Sindelar, Schall e Viertl.*
Técnicos: Hugo Meisl
Juiz: Ivan Eklind (Suécia)
Auxiliares: Baert (Bélgica) e Zenisek (Tchecoslováquia)

Pernas à mostra

A moda estava mudando. E uma das novidades da Copa da Itália foram os uniformes dos jogadores: os calções encurtaram alguns centímetros em relação a 1930, quando chegavam aos joelhos. A mesma tendência pôde ser observada no torneio de tênis mais famoso do mundo, Wimbledon, na Inglaterra. As mulheres, que desde 1884 disputavam partidas com saias longas, até o tornozelo, foram autorizadas a vestir comportados "shorts" em 1934.

Chuva e decepção

Um jogo ansiosamente aguardado, [illegible] que acabou decepcionando. Muita [illegible] esperava que a Áustria fizesse ressurgir de repente o *Wunderteam*, mas [illegible] o gramado pesado – choveu muito na véspera e no dia do jogo – prejudicou o toque de bola de Sindelar e seus companheiros. O argentino naturalizado italiano Guaita marcou o único gol, depois de trombar com o goleiro Pla[illegible] num cruzamento da esquerda, que pegou [illegible] Depois disso, o jogo transformou-se num festival de chutões da Itália e de frustradas tentativas da Áustria de fazer a bola rolar [illegible]amado encharcado. Duramente [illegible]ado por Monti, Sindelar teve poucas chances para criar. E, na única oportunidade em que conseguiu ficar frente a frente com o goleiro Combi, aos 33 minutos do segundo tempo, chutou a bola para fo[illegible]

Disputa do 3º lugar

ALEMANHA 3 x 2 ÁUSTRIA

Data: 7 de junho de 1934, quinta-feira
Horário: 17h30
Estádio: Giorgio Ascarelli, em Nápoles
Público estimado: 7 000 pessoas
Gols: *Lehner* (25 segundos), *Conen* (27), *Horvath* (28) e *Lehner* (42 do 1º); *Sesta* (9 do 2º)
Alemanha – *Jakob, Janes e Busch; Bender, Munzenberg e Zielinski; Lehner, Szepan, Conen, Siffling e Heidemann.*
Técnico: Otto Nerz
Áustria – *Platzer, Cisar e Sesta; Wagner, Smistek e Urbanek; Zischek, Bican, Braun, Horvath e Viertl.*
Técnico: Hugo Meisl
Juiz: Albino Carraro (Itália)
Auxiliares: Caironi (Itália) e Escartin (Espanha)

O fim da maravilha

Três anos antes, o *Wunderteam* austríaco havia arrasado duas vezes a Alemanha: 6 x 0 em Berlim e 5 x 0 em Viena. Mas essa era outra Alemanha, bem mais jovem e mais motivada. E sem Sindelar, machucado, a Áustria também era outra. O gol-[illegible] de Lehner, aos 25 segundos, [illegible] contribuiu para restituir a confiança aos austríacos. E assim, sem muito trabalho, os germânicos viraram o primeiro tempo com 3 x 1 no placar. No segundo tempo, a Áustria voltou melhor e diminuiu o marcador, mas não encontrou forças para encontrar o empate. A Alemanha conquistou um honroso 3º lugar e decretou o fim do *Wunderteam*.

Pouco público

Como a partida foi disputada num dia útil, os organizadores temiam que poucos torcedores deixassem de trabalhar para ir ao jogo. Para tentar aumentar um pouco o interesse dos napolitanos, os ingressos tiveram os preços diminuídos e o início da partida foi retardado para depois do expediente, às 17h30. Mesmo assim, só 7 000 pessoas compareceram. E elas tiveram uma última decepção: como tanto a Alemanha quanto a Áustria usavam camisas brancas, os austríacos foram convidados a vestir a camisa azul do Napoli. Assim, eles ganharam a total simpatia dos presentes ao estádio. E todo mundo saiu de cabeça inchada com a derrota.

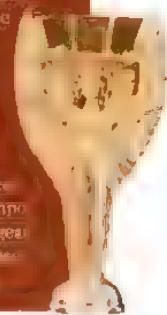
Números

POUCOS JOGOS, MUITOS GOLS
Na Copa de 1934, por força do regulamento que eliminou metade das equipes após um único jogo, as 16 seleções participantes disputaram apenas 17 jogos (e deveriam ter sido 16, mas foi necessária uma partida extra para o desempate entre as seleções da Itália e da Espanha). No total, foram marcados 70 gols, com a excelente média de 4,12 gols por jogo – no Mundial do Uruguai, quatro anos antes, essa média tinha sido de 3,9 gols por partida.

FALTOU MARCAR NA FINAL
O artilheiro da segunda Copa do Mundo de futebol foi Oldrich Nejedly, da Seleção da Tchecoslováquia, com 5 gols (1 contra a Romênia, 1 contra a Suíça e 3 contra a Alemanha – embora um deles, mesmo reconhecido pela Fifa, seja contestado). No jogo mais importante, a final contra a Itália, porém, ele não marcou. Nascido em 13 de dezembro de 1909, na cidade de Rakovnik, hoje parte da República Tcheca, Nejedly tinha 24 anos em 1934 e atuava pelo Sparta de Praga. Entre 1931 e 1938, jogou 43 vezes pela Seleção de seu país e marcou 29 gols (o último deles contra o Brasil, de pênalti, na Copa da França, em 1938). Nejedly morreu em 11 de junho de 1990, aos 80 anos. Os vice-artilheiros do Mundial foram Schiavio, da Itália, e Conen, da Alemanha, com 4 gols cada um (no caso de Conen, 3 deles marcados logo na estréia, contra a Bélgica).

DE OLHO NA TAÇA

Concorrência com o Duce

Terminada a Copa de 1930, no Uruguai, a taça ficou com os donos da casa pelos quatro anos seguintes. Como a Celeste não defendeu o título na Itália, em 1934, o troféu viajou sozinho [illegible] Europa. Desta [illegible] presidente da [illegible] Jules Rimet [illegible] -o ao capitão do time vencedor [illegible] italiano Combi) no *Stadio Nazionale del PNF* [illegible] para delírio [illegible] Outra novidade foi a criação do Troféu [illegible] com a efígie de Mussolini. Assim que [illegible] voltaram ao [illegible] mado, [illegible] o próprio Duce [illegible] ao campo para homenagear Combi com esse outro prêmio.

O trio de arbitragem faz a saudação fascista: surreal

À mesa com Mussolini

Após a semifinal, a Áustria protestou contra a passividade do juiz Ivan Eklind diante da violência da Itália, mas o Comitê de Arbitragem confirmou o sueco para apitar a final. E as críticas se repetiram. A Tchecoslováquia reclamou muito de várias decisões do árbitro de 29 anos, o mais novo a apitar uma final de Copa até hoje. Na verdade, a imagem de Eklind já estava queimada desde antes do início da partida, quando ele se postou com seus auxiliares no centro do campo e saudou o ditador Benito Mussolini, nas tribunas, com o gesto fascista. Anos depois, surgiu uma versão para explicar a surreal cortesia: na véspera da decisão, os altos mandatários da Fifa haviam sido convidados a jantar com o Duce, que dedicara uma razoável parte de seu precioso tempo para conversar com Ivan Eklind. Se isso é lenda, ninguém sabe. O que se sabe é que, nas duas partidas, o juiz sueco não apitou nenhum lance controvertido em prejuízo dos donos da casa. Apesar disso, ele não teve a reputação manchada. A imprensa reconheceu que ele atuou com a isenção possível "diante das circunstâncias". Tanto que voltou a atuar nas Copas de 1938 (dirigiu Brasil 6 x 5 Polônia) e de 1950, aqui no Brasil. Após se aposentar como juiz de futebol, Eklind virou árbitro internacional de hóquei no gelo.

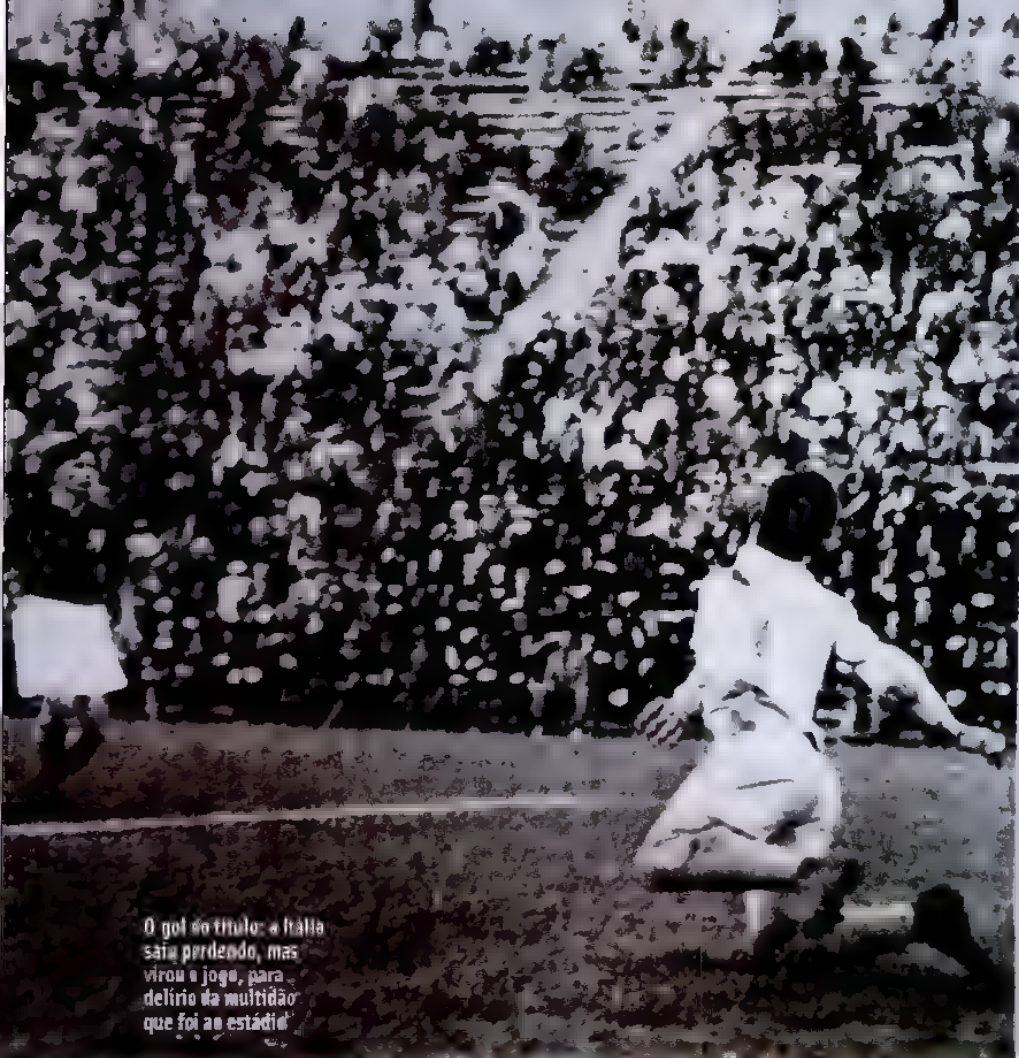
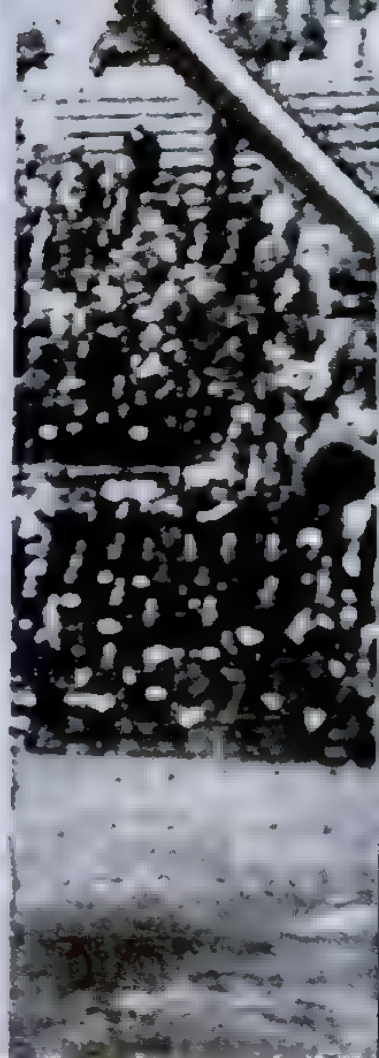
Final

Festa no gramado: assim como os uruguaios haviam feito em 1930, os italianos também venceram a Copa jogando em casa

ITÁLIA 2 x 1 TCHECOSLOVÁQUIA (1 x 1 no tempo normal)

Data: 10 de junho de 1934, domingo
Horário: 17h30
Estádio: Nazionale PNF, em Roma
Público estimado: 50 000 pessoas
Gols: *Puc* (31) e *Orsi* (36 do 2º); *Schiavio* (5 do 1º da prorrogação)
Itália – *Combi, Monzeglio e Allemandi; Ferraris IV, Monti e Bertolini; Guaita, Meazza, Schiavio, Ferrari e Orsi.*
Técnico: Vittorio Pozzo
Tchecoslováquia – *Planicka, Zenisek e Ctyroki; Kostalek, Cambal e Krcil; Junek, Svoboda, Sobotka, Nejedly e Puc.*
Técnico: Karel Petru
Juiz: Ivan Eklind (Suécia)
Auxiliares: Baert (Bélgica) e Ivancsics (Hungria)

Vitória sofrida

[illegible]listas de 29 países cobriu a final. Mussolini compareceu ao estádio, acompanhado de todo o ministério, e foi saudado por um interminável coro de "Duce, Duce". A recepção calorosa tinha uma explicação: devido à enorme procura pelos ingressos, o Comitê Organizador resolveu dar "preferência" aos militantes do Partido Fascista. Numa partida que opôs o jogo de toque dos tchecos à velocidade italiana, os dois goleiros se destacaram, principalmente Planicka, eleito o melhor da Copa. A Tchecoslováquia chegou a acertar uma bola na trave, mas, tirando isso, os lances de perigo foram raros no primeiro tempo. Após o intervalo, o panorama estava igual até que, aos 28 minutos, o ponta-esquerda Antonin Puc saiu [illegible] a impressão de que não retornaria. A torcida delirou: com um jogador a mais, a Itália não deixaria escapar o título. Mas Puc não só voltou como 3 minutos depois, [illegible] primeira vez em que tocou na bola, fez o gol. Os italianos ficaram desconcentrados e a Tchecoslováquia aproveitou. Dois minutos depois, Jiri Svoboda chutou na [illegible] de novo. Parecia que o sonho do campeonato [illegible]ava indo por água abaixo, mas veio o gol de empate, num lance duvidoso que gerou fortes protestos do time tcheco contra o juiz. Pa[illegible] multidão, o jogo foi para a prorr[illegible]. Os 10 minutos de descanso fizeram a torcida [illegible]r uma preocupante realidade: será que a [illegible] manter o ritmo acelerado? [illegible] minutos de dureza contra 180 minutos dos tchecos, que haviam jogado apenas duas vezes. Além disso, o time da Itália não era formado por garotos: a média de idade já beirava os 30 anos. [illegible] 5 minutos Schiavio fez 2 x 1 e a Azzurra se fechou na defesa, garantindo o resultado e o título. A Itália tinha passado por um calvário de 510 minutos para conquistar a Copa e ninguém duvidava que ela tinha sido a melhor entre os 16 participantes.

O gol do título: a Itália saiu perdendo, mas virou o jogo, para delírio da multidão que foi ao estádio

Os gols da final

TCHECOSLOVÁQUIA 1 x 0 – Aos 31 minutos do segundo tempo, Puc recebeu a bola de Sobotka no bico esquerdo da grande área e, inesperadamente, chutou no canto direito de Combi, que saltou com estilo, mas chegou um instante atrasado na bola.
ITÁLIA 1 x 1 – Apenas 4 minutos depois, o meia Ferrari dominou uma bola no peito – ou no braço – pela meia esquerda do ataque italiano. Enquanto os tchecos reclamavam a marcação do possível toque, Ferrari encontrou o ponteiro Orsi na linha lateral da grande área. Orsi deu um drible curto em Kostalek e, com um chute de curva, conseguiu colocar a bola no canto direito do goleiro Planicka, fazendo o gol de empate. Os tchecos reclamaram muito e forçaram o juiz a conversar com o auxiliar, mas este confirmou que o lance tinha sido normal.
ITÁLIA 2 x 1 – A Azzurra se lançou ao ataque na prorrogação e, logo aos 5 minutos, Meazza lançou a bola para a área tcheca. Pela meia direita, Schiavio e Guaita dividiram com dois zagueiros. Guaita ganhou o lance e tocou para Schiavio, que escapou sozinho e, quase do bico da pequena área, disparou para o gol exatamente quando Ctyroki chegava para tentar o corte. O chute saiu meio prensado e a bola pegou efeito, encobrindo o goleiro Planicka – que se ajoelhara para defender um tiro rasteiro. Foi a única vez na partida que a defesa tcheca perdeu uma bola dividida dentro da área, um vacilo que custou a Copa do Mundo.

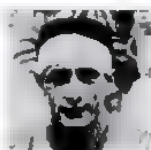
Os campeões

Jogando em casa, os italianos sempre foram considerados favoritos para conquistar a Copa de 1934. Com uma mescla de jovens talentos, como Meazza, e craques experientes, como o argentino Luis Monti, ele não frustraram essa expectativa

A Itália passou cerca de 60 dias se preparando muito pesado para o Mundial de futebol. Com treinos diários em dois períodos e nenhuma folga, a Azzurra chegou à Copa com um conjunto tão bem azeitado que – segundo as opiniões mais otimistas – podia até jogar de olhos vendados. Conheça aqui os campeões do mundo em 1934.

»Gianpiero Combi, 31 anos (20 de novembro de 1902), da Juventus de Turim. Jogou 13 anos pela Juventus, entre 1921 e 1934, vencendo cinco Campeonatos Italianos. Apesar de ser considerado um dos maiores goleiros do país, teve muitos altos e baixos. Em sua estréia na Seleção, na Olimpíada de 1924, levou 7 gols da Hungria e ficou um ano sem ser convocado. Em 1934, era reserva antes da Copa. Só jogou porque o titular, Carlo Ceresoli, da Ambrosiana-Inter de Milão quebrou o braço durante a fase de treinamento.

»Eraldo Monzeglio, 28 anos (5 de maio de 1906), do Bologna. Começou a carreira em 1923 no pequeno Casale. Foi para o Bologna em 1926 e para a Roma em 1935. Entre 1930 e 1938, atuou 35 vezes pela Seleção da Itália. Diz a lenda que sua convocação (e escalação) foi imposta pelo regime fascista, por ser amigo dos filhos de Benito Mussolini. O último jogo de Monzeglio pela Azzurra foi na estréia italiana na Copa de 1938 (na França), contra a Noruega. Após encerrar a carreira, em 1939, continuou na Roma, como *consigliere tecnico*. E teve uma longa carreira como treinador de grandes equipes.

»Luigi Allemandi, 30 anos (8 de novembro de 1903), da Ambrosiana-Inter de Milão. Entre 1925 e 1936, jogou 24 vezes pela Seleção. Começou sua carreira no Legnano em 1921 e quatro anos depois foi para a Juventus, pela qual se sagrou campeão em 1925/1926. Na temporada seguinte, no clássico entre Juventus e Torino que decidiu o título em favor do Torino, surgiram boatos de que teria sido subornado – uma história imediatamente transformada em escândalo. Após a investigação, o Torino teve o título anulado e Allemandi foi banido do futebol. Mas dois anos depois, em 1929, acabou perdoado e ingressou na Ambrosiana-Inter, tornando-se novamente campeão italiano logo na primeira temporada. Ficou na equipe até 1935, quando se transferiu para a Roma. Em 1937, foi para o Venezia e, no ano seguinte, para a Lazio, mas, após disputar apenas dois jogos pelo clube romano, resolveu encerrar a carreira, aos 36 anos.

»Attilio Ferraris IV, 30 anos (26 de março de 1904), da Roma. Jogou 28 partidas pela Seleção entre 1926 e 1935. Fundada em 1927 com a fusão de três equipes (Alba, Fortitudo e Romana), a A.S. Roma teve em Ferraris IV seu primeiro grande ídolo. Conhecido pelos hábitos pouco saudáveis fora de campo – fumava um cigarro atrás do outro e bebia um pouco além da conta – e pela paixão por carros e belas mulheres, mesmo assim Ferraris IV foi capitão da Roma durante 12 anos – de 1927 a 1939 – e 217 jogos. Dois meses depois da Copa de 1934, após mais uma atitude indisciplinada, foi suspenso por tempo indeterminado. Resolveu abrir um bar, e nele passava o tempo enquanto entrava e saía do time. Morreu de ataque cardíaco aos 43 anos, em 8 de maio de 1947, durante um jogo de veteranos.

»Luis Monti, 33 anos (15 de maio de 1901), da Juventus. Argentino de nascimento, disputou por esse país o Mundial de 1930 no Uruguai. Em 1931 transferiu-se para a Juventus, na qual ficou até 1938. Ganhou quatro Campeonatos Italianos consecutivos, entre 1932 e 1936, e conseguiu a cidadania em 1933. Jogou 18 partidas pela Seleção Italiana e é o único atleta que disputou duas finais de Copa do Mundo por dois países diferentes. Luis Monti morreu em Buenos Aires, em 1984, aos 83 anos.

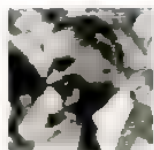
»Luigi Bertolini, 29 anos (13 de setembro de 1904), da Juventus. Começou a carreira no Savone, passou pelo Alessandria e em 1930 foi para a Juventus, na qual permaneceu até 1937. Jogou 26 vezes pela Seleção entre 1929 e 1935. Numa época em que as camisas não eram numeradas, Bertolini era facilmente reconhecido por usar uma bandana branca na cabeça. Morreu em 11 de fevereiro de 1977, aos 72 anos.

»Enrico Guaita, 23 anos (15 de julho de 1910), da Roma. Argentino de Entre Rios, naturalizou-se italiano em 1933. Em seu país natal, jogou pelo Estudiantes (1927-1933). Transferiu-se para a Roma e disputou dois campeonatos nacionais. Em 1935, faltando poucas rodadas para o fim do torneio, era o artilheiro com 28 gols e a Roma estava a um passo do título. De repente, para surpresa geral, Guaita fugiu da Itália. O motivo teria sido o temor de uma convocação para o Exército. De volta a Buenos Aires, atuou pelo Racing até 1937. Pela Seleção da Itália, jogou dez vezes e marcou 5 gols. Morreu em 1959, aos 49 anos.

»Giuseppe Meazza, 23 anos (23 de agosto de 1910), da Ambrosiana-Inter. Natural de Milão, é o segundo maior artilheiro da história da Seleção Italiana, com 33 gols em 53 jogos (o primeiro é Luigi Riva, que esteve na final da Copa de 1970 contra o Brasil, com 35 gols). Meazza jogou na Inter de 1927 a 1940 e voltou para encerrar a carreira, em 1947 (entrou em campo 408 vezes e marcou 287 gols. Morreu em 29 de outubro de 1979, aos 69 anos. Pouco depois, o San Siro foi rebatizado como estádio Giuseppe Meazza.

»Angelo Schiavio, 29 anos (10 de maio de 1905), do Bologna. Nasceu na própria cidade e estreou na equipe principal do Bologna aos 17 anos. Nunca mais saiu do time, disputando 342 jogos e marcando 241 gols. Foi campeão italiano quatro vezes e defendeu a Seleção em 21 jogos, anotando 15 gols – sendo o mais importante o que deu o título à Itália na final de 1934. Em 1937, decidiu subitamente abandonar o futebol, aos 32 anos, depois de perder um gol feito contra a Lazio. Dedicou-se então aos negócios da família – era filho de fazendeiros – e tornou-se dirigente do Bologna, o único clube de sua vida. Morreu em 1990, aos 85 anos.

»Giovanni Ferrari, 26 anos (6 de dezembro de 1907), da Juventus. Nasceu em Alessandria e de 1923 a 1930 jogou pelo time de sua cidade natal. Em 1930 transferiu-se para a Juventus e em 1935 foi para a Ambrosiana-Inter, na qual ficou até 1940. Atuou ainda um ano pelo Bologna e voltou à Juventus para encerrar a carreira, o que ocorreu em 1942. Disputou 316 partidas do Campeonato Italiano, marcando 112 gols. É até hoje recordista de títulos, com oito *scudetti* em 11 anos (5 pela Juventus, 2 pela Ambrosiana-Inter e 1 pelo Bologna). Pela Seleção, entrou em campo 44 vezes e marcou 14 gols. Morreu em 1982, aos 74 anos de idade.

»Raimondo Orsi, 32 anos (2 de dezembro de 1901), da Juventus. Argentino de Mendoza, seu nome de batismo era Raimundo Bibiano Orsi. Jogou pelo Boca Juniors e pelo Independiente e fez 13 jogos pela Seleção Argentina. Por sua destacada atuação nos Jogos Olímpicos de 1928 (quando recebeu o apelido de Cometa de Amsterdã, por sua velocidade), transferiu-se para a Juventus. Lá, ganhou cinco títulos italianos. Pela Azzurra, disputou 35 jogos e marcou 13 gols. Voltou à Argentina logo após a Copa de 1934 e atuou pelo Platense e pelo San Lorenzo. Em 1938, foi para o Peñarol de Montevidéu. Finalmente, jogou duas partidas pelo Flamengo, em 1939, o suficiente para ser considerado campeão carioca daquele ano. Morreu em 1986, aos 85 anos.

»Vittorio Pozzo, 48 anos (2 de março de 1886). O técnico da Seleção da Itália na Copa do Mundo de 1934 nasceu em Turim e jogou no Torinese (antecessor do Torino), no Grasshoppers da Suíça e em equipes menores da França e da Inglaterra. Em 1912, aos 26 anos, tornou-se técnico do Torino, único time que dirigiu na vida. No mesmo ano, foi nomeado auxiliar técnico da Seleção, que disputava uma vaga para a Olimpíada. Pozzo voltou a dirigir a Azzurra (brevemente) em 1924 e (definitivamente) em 1929, quando já era secretário-geral da Federação Italiana. Ficou como treinador durante 19 anos, comandando a equipe em 95 jogos – com 63 vitórias, 17 empates e 19 derrotas. É o único técnico campeão mundial (1934 e 1938) e olímpico (1936).

»Anfilogino Guarisi O ponta-direita paulista Filó, jogador do Paulistano e do Corinthians (e também da Seleção do Brasil, entre 1925 e 1930), foi o primeiro atleta brasileiro a se sagrar campeão do mundo de futebol, muito antes de o nosso escrete conquistar seu primeiro título, em 1958, nos gramados da Suécia. Filho de mãe italiana, Anfilóquio Guarisi Marques, o Filó, trocou o Corinthians pela Lazio de Roma e, ao chegar ao novo país, resolveu italianar o nome para Anfilogino. Foi convocado dez vezes para a Seleção da Itália entre 1932 e 1934 e participou de seis jogos pela Azzurra (um deles na Copa de 1934, a estréia italiana, vitória por 7 x 1 sobre o selecionado dos Estados Unidos).

Esperança renovada

Terminada a Copa de 1934, a Seleção do Brasil fez um giro de 45 dias pela Europa e se saiu mal. Mas, dois anos depois, novos craques dos gramados apontavam que o nosso futuro era promissor, desde que os cartolas parassem de atrapalhar

Se a Seleção Brasileira tivesse regressado logo após a Copa, seus jogadores certamente seriam recebidos com festa por aqui. A imprensa disseminara o comentário de que o time havia jogado muito bem contra a Espanha e que a eliminação tinha sido obra de um juiz mal intencionado. Mas, em vez de retornar, nosso escrete fez um giro de 45 dias pela Europa – de 8 de junho a 22 de julho. Uma parte de tal roteiro havia sido acertada em maio, antes da viagem para a Itália, para que a CBD pudesse diminuir o rombo de caixa causado pelas contratações dos jogadores profissionais. Mas outras partidas foram encaixadas no programa, conforme surgiam novos interessados.

Ao todo, foram oito partidas na Iugoslávia, na Espanha e em Portugal, com duas vitórias do Brasil, quatro empates e duas derrotas. O primeiro jogo, contra a Iugoslávia, em Belgrado, no dia 3 de junho, foi um desastre colossal: atuando com o mesmo time que tinha sido eliminado pela Espanha uma semana antes, o Brasil perdeu por 8 x 4, o pior resultado da história da Seleção Brasileira.

Os sete jogos seguintes foram todos contra clubes ou combinados de cidades: empate em 0 x 0 com o Gradjanski, da Iugoslávia (8 de junho); derrota por 2 x 1 e empate em 2 x 2 contra o combinado da Catalunha (17 e 24 de junho); empate em 4 x 4 com o Barcelona (1º de julho); vitória por 4 x 2 sobre o combinado de Lisboa (12 de julho); vitória por 6 x 1 sobre o Sporting, de Portugal (15 de julho); e empate em 0 x 0 com o FC Porto (22 de julho). Esses jogos, embora extra-oficiais, apagaram a impressão inicial de que o Brasil tinha um time de **primeira classe.** Assim, quando a Seleção finalmente desembarcou de volta no Rio de Janeiro, em 2 de agosto de 1934, falar sobre a Copa não interessava a mais ninguém – a não ser, é claro, aos descendentes de italianos que viviam por aqui.

Mas a novela ainda teve muitos novos capítulos. Entre setembro e outubro de 1934, a Seleção fez uma interminável série de amistosos pelo Nordeste – 11 jogos contra clubes ou

[illegible] e Waldemar de Britto confirmaram [illegible] impressões [illegible] que haviam deixado durante a Copa do [illegible] [illegible]

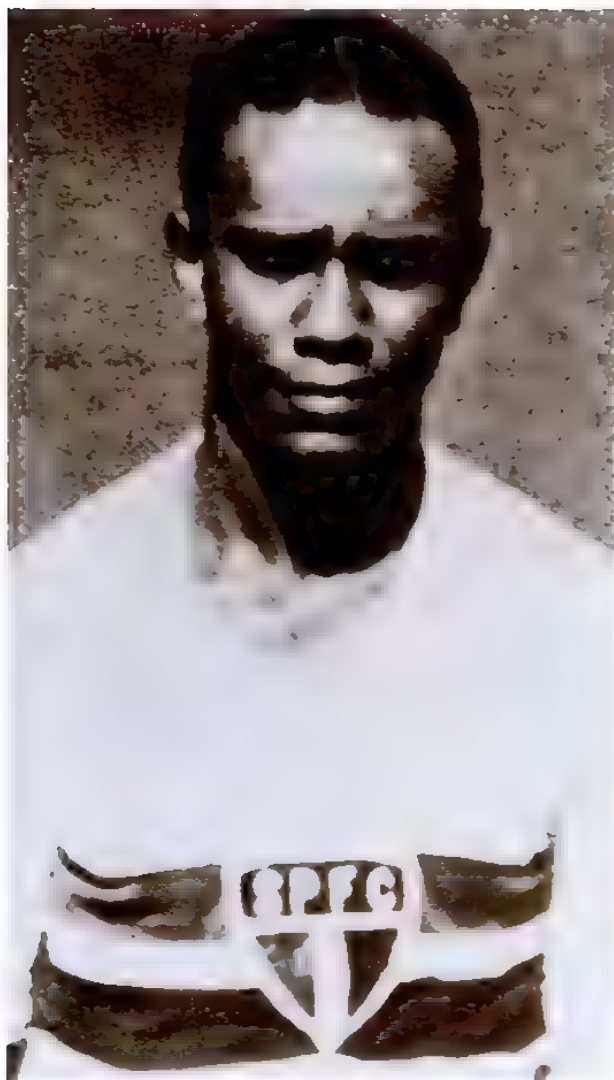
A Seleção Brasileira vice-campeã sul-americana em 1936: ótimos jogadores indicavam que havia grandes chances de fazer boa figura na Copa seguinte

combinados regionais de Pernambuco e Bahia. Por que expor o selecionado nacional dessa maneira? Porque os jogadores continuavam contratados pela CBD e ainda não havia lugar para eles nos clubes profissionais da FBF. Como era de se esperar, o Brasil ganhou 10 dos 11 jogos (a maioria deles por goleada), mas... perdeu um. Para o Santa Cruz, no campo da avenida Malaquias, no Recife, em 10 de outubro de 1934. Com a vitória – por 3 x 2 –, o Santa Cruz entrou para a história como um dos raríssimos clubes de todo o mundo que já conseguiram vencer a Seleção principal do Brasil.

Os campeões e os melhores

Em 14 de novembro de 1934, em sua primeira apresentação após se sagrar campeã mundial, a Itália enfrentou a Inglaterra em Londres, no estádio Highbury Park, do Arsenal. O único ausente foi o goleiro Combi, que se aposentou após a Copa. Num jogo violento, que ficou conhecido como a Batalha de Highbury, a Inglaterra ganhou por 3 x 2 (aos 12 minutos do primeiro tempo já vencia por 3 x 0). O italiano Monti fraturou o pé logo aos 3 minutos e, ao fim da refrega, os ingleses deixaram o campo mais do que nunca convencidos de que tinham, de fato, a melhor Seleção e, portanto, não precisavam participar do torneio da Fifa.

Enquanto isso, do lado de cá do Atlântico, a Seleção chegou a 1936 na mesma situação dúbia em que já estivera em 1932: ótimos jogadores indicavam que havia grandes perspectivas de fazer uma boa figura na Copa seguinte, desde que os dirigentes conseguissem deixar de lado suas vaidades pessoais e dessem um mínimo de condições para os craques brilharem dentro de campo. Restava saber se isso de fato viria a ocorrer em 1938.

O Duce e o Führer

Waldemar de Britto: jogador durante 15 anos, aposentou-se, virou técnico e revelou um certo Dico, que, levado para o Santos, virou simplesmente Pelé

WALDEMAR DE BRITTO

O descobridor do Rei

Dos integrantes da Seleção Brasileira de 1934, Leônidas da Silva teve vida longa no futebol, tornando-se o jogador mais famoso do país por quase 15 anos. O outro destaque da campanha foi Waldemar de Britto. Ele começou aos 17 anos, em 1930, no Sírio-SP, e nos 15 anos seguintes jogou por São Paulo da Floresta, Flamengo, Fluminense, São Paulo e San Lorenzo (Argentina). Ao encerrar a carreira, tornou-se técnico e foi nessa função que deu sua maior contribuição ao futebol brasileiro. Em 1954, como treinador do infantil do Bauru Atlético Clube, o BAC, ele revelou um jogador de 14 anos, Dico – mais tarde, Pelé. Foi pelas mãos de Waldemar que o Rei chegou ao Santos, em 8 de agosto de 1956. Waldemar de Britto morreu em 21 de fevereiro de 1979, aos 65 anos.

PEDROSA

Goleiro e dirigente

Outro jogador de 1934 que se tornou uma figura marcante no cenário futebolístico é o goleiro Pedrosa, apesar de só ter disputado dois jogos oficiais pela Seleção. Como jogador do Botafogo (1930 a 1934), foi tricampeão carioca em 1932, 1933 e 1934. Depois, transferiu-se para São Paulo, onde jogou no hoje extinto Estudantes (1935 a 1937) e no São Paulo (1938 e 1939). Ao encerrar a carreira, tornou se juiz e, mais tarde, presidente da Federação Paulista de Futebol. Foi no exercício desse cargo que ele morreu precocemente, em 6 de janeiro de 1954, aos 41 anos. Imediatamente, o Torneio Rio-São Paulo foi rebatizado com seu nome, Roberto Gomes Pedrosa, e virou o embrião do atual Campeonato Brasileiro.

CARLITO ROCHA

Com o Botafogo no coração

Se não fosse pelo empenho de Carlito Rocha, é bem provável que o Brasil nem tivesse ido à Itália em 1934. E aí teria perdido a distinção de ser o único país a participar de todas as Copas. Nascido em 1894, Carlito é parte inseparável da história do Botafogo. Defendeu as cores do clube desde a década de 10, primeiro como goleiro e depois, até o fim da vida, como dirigente, conselheiro, presidente (de 1948 a 1951) ou mero freqüentador do clube, que era sua segunda casa – ou, segundo muitos botafoguenses, a primeira. Em 1977, aos 83 anos, Carlito ainda teve forças para peitar a diretoria e liderar uma comovente campanha contra a demolição do estádio General Severiano, vendido para a Companhia Vale do Rio Doce. Símbolo da dedicação de uma vida inteira a um clube, Carlito Rocha morreu em 1981, aos 87 anos.

Carlito Rocha: se não fosse por ele, talvez o Brasil nem fosse à Copa da Itália

FRIEDENREICH

O craque sai de cena

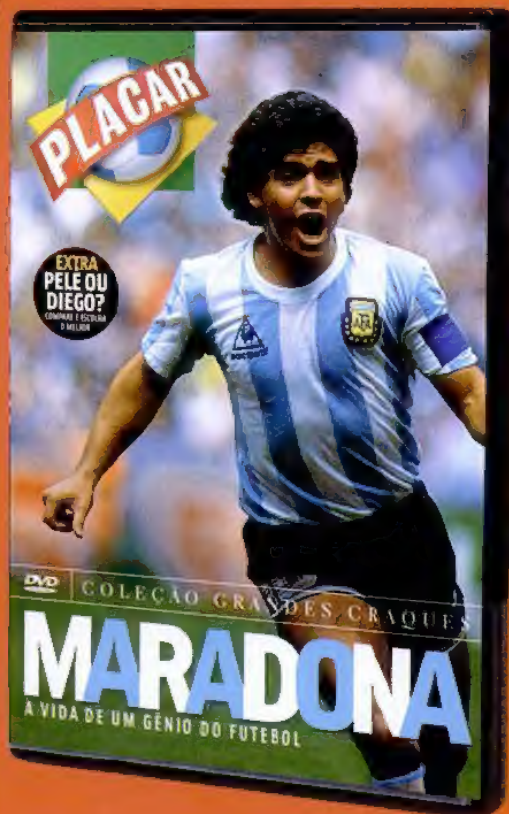
No ano de 1935, a Seleção só entrou em campo uma vez: em 24 de fevereiro, contra o River Plate, no estádio São Januário, no Rio. Já totalmente renovado em relação ao time que disputou a Copa de 1934, o Brasil ganhou por 2 x 1 e o jogo só adquiriu importância histórica por ter sido a última apresentação de Friedenreich – então encerrando a carreira, como jogador do Flamengo – com a camisa da Seleção. Friedenreich jogou os últimos 20 minutos, no lugar de Carvalho Leite, e não marcou gol. Mais que uma despedida, foi o fim de uma era: Friedenreich havia estreado no time nacional 21 anos antes, em 1914. É, até hoje, o jogador que mais tempo atuou com a camisa do Brasil.

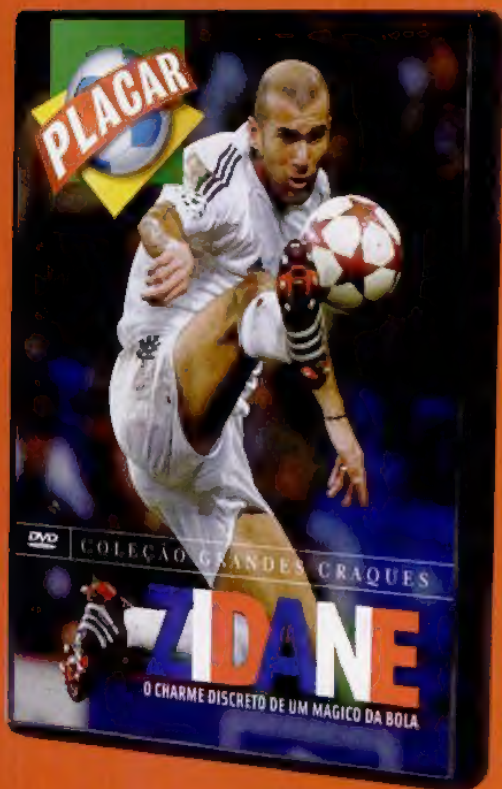
Friedenreich: o maior craque dos primórdios do futebol brasileiro jogou pela Seleção por 21 anos, recorde não superado até hoje

DVD VIDEO

COLEÇÃO GRANDES CRAQUES

DVD PLATINI

- 10 golaços
- Os quase-golaços
- Bola parada, a arma mortal
- Francês bom de cuca

DVD MARADONA

- Os 10 gols mais bonitos do gênio
- Flagras de vestiário
- Diego apanha, mas bate
- Bola parada, rede em movimento

O MELHOR DO BRASIL
É O BRASILEIRO

Hot Pocket® Sadia tem 4 novos sabores. Você e o microondas vão ser inseparáveis.

"O melhor do Brasil é o brasileiro" provém de obra de Câmara Cascudo.

W/Brasil

Hot Pocket® é o lanche que fica pronto em dois minutos, direto do freezer para o microondas. Sai quentinho, douradinho, delicioso. E agora tem 4 novos sabores: Calabresa com Requeijão, Quatro Queijos, Palmito e Peito de Peru com Requeijão. Hot Pocket® Sadia. Melhor que feito na hora, é feito em minutos.